

UNIVERSIDADE DO ESTADO AMAZONAS - UEA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA
AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA

ANNY ROBERTA GONÇALVES FURTADO

ENTRE SABORES, FESTAS E AFETOS

Experimentações no Ensino de ciências de uma guerreira do sensível

Linha de pesquisa 1: Currículo, Cognição e Formação de professores



MANAUS - AM

2025

ANNY ROBERTA GONÇALVES FURTADO

ENTRE SABORES, FESTAS E AFETOS: Experimentações no Ensino de Ciências de
uma guerreira do sensível



Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação em Ciências na Amazônia como requisito para a qualificação do Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mônica de Oliveira Costa

Co-orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adriana Alves da Silva

**MANAUS
2025**

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

F992e	Furtado, Anny Roberta Gonçalves Entre sabores, festas e afetos: : experimentações no Ensino de Ciências de uma guerreira do sensível / Anny Roberta Gonçalves Furtado . Manaus : [s.n], 2025. 83 f.: color.; 21,0 cm. Dissertação - Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025. Orientador: Mônica de Oliveira Costa. Coorientador: Adriana Alves da Silva . 1. Guerreira do sensível. 2. Experimentação. 3. Autobiografia. 4. Ensino de Ciências. 5. Parresia. I. Mônica de Oliveira Costa (Orient.) II . Adriana Alves da Silva (Coorient.) III. Universidade do Estado do Amazonas. IV. Título CDU(1997)372.85(043.3)
-------	---

ANNY ROBERTA GONÇALVES FURTADO

Entre sabores, festas e afetos: experimentações no Ensino de Ciências de uma guerreira do sensível

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Ciências na Amazônia como requisito para obtenção de título de Mestre em Educação em Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas.

Orientadora: Dr^a Mônica de Oliveira Costa

Co-orientadora: Dr.^a Adriana Alves Silv

BANCA EXAMINADORA

Mônica de Oliveira Costa

Profa. Dra. Mônica de Oliveira Costa - UEA (Orientadora)

Componente da banca examinadora - Universidade do Estado do Amazonas

Caroline Barroncos de Oliveira

Profa. Dra. Caroline Barroncos de Oliveira - UEA (Membro Interno)

Componente da banca examinadora - Universidade do Estado do Amazonas

Paula Franco Carvalho

Profa. Dra. Daniela Franco Carvalho - UFU (Membro Externo)

Componente da Banca Examinadora - Universidade do Estado do Amazonas

RESUMO

O presente trabalho visa problematizar as ideias de experimentação na constituição de uma guerreira sensível que ensina e pesquisa ciências. Me desloco pelos sabores, festas e afetos de uma menina-mulher-professora-pesquisadora. Apoiada no viés da Filosofia da Diferença, realizo uma escrita de si que materializa os deslocamentos das ideias de experimentação que me habitam, dando visibilidade para a tentativa de margear outras fronteiras para aquilo que pode habitar o corpo-experimentação para além de uma ciência rígida. A autobiografia pela escrita de si assumida aqui possibilita também fazer (des)habitar a ideia de guerreira no viés tradicional, aquela dita que tudo suporta, que luta com armas que machucam, destroem, que sempre está na dualidade da paz e da guerra e inventar a minha constituição enquanto guerreira do sensível. Brincamos com as ideias de cozinha-experimentação, experimentação-invenção e os afetos que constituíram a guerreira do sensível. Possibilitando ver a experimentação a partir da coragem da verdade, envolvendo a sinceridade e provocação de pensamentos em relação às verdades pré-estabelecidas nos períodos escolares e graduação. Na pós-graduação o encontro com o conhecimento de si e do cuidado de si, oportunizou outras movimentações como experimentações corporais, o (des)fazer ou (des)receitar a si mesmo, a ponto de constituir uma nova docência-vida.

Palavra-chave: Guerreira do Sensível; Experimentação; Autobiografia; Ensino de Ciências; Parresia.



ABSTRACT

This paper explores how experimentation can help shape a new kind of teacher and scientist — one who is also sensitive and emotionally aware. I reflect on my personal journey as a girl, a woman, a teacher, and a researcher, showing how my emotions, experiences, and everyday life have influenced who I am. Drawing on the Philosophy of Difference, I use my own story to show how my understanding of experimentation has developed over time. This allows me to consider alternative ways of approaching science — methods that are more open, flexible, and less tied to traditional rules. Through this autobiographical writing, I also challenge the typical idea of a warrior. Usually, a warrior is seen as someone who is tough, fights battles, and hides their emotions. I propose a different version — a warrior of sensitivity, who expresses care, affection, and creativity instead of aggression. I explore concepts like cooking as a form of experimentation, and how emotional experiences have contributed to the creation of this “sensitive warrior.” This kind of experimentation involves being honest and questioning accepted truths, especially those taught in school and university. During my postgraduate studies, I began a deeper process of self-discovery and self-care. This gave me the opportunity to explore my body and mind in new ways, let go of old patterns, and create a new way of teaching and living.

Keywords: Warrior of the Sensitive; Experimentation; Autobiography; Science Teaching; Parrhesia.



LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Receita da mamãe.....	19
Figura 2 - Ancestralidade.....	23
Figura 3 - Experimentação da vela.....	45
Figura 4 - Experimentação erosão do solo.....	51
Figura 5 - Aniversário 1 ano Arianny.....	54
Figura 6 - Experimentação corpo-curriculo.....	56
Figura 7 - Experimentando.....	57
Figura 8 - Produção final.....	57
Figura 9 - Escrita performáticas de si.....	68
Figura 10 - Cartas-performáticas.....	69
Figura 11 - Carta-performática.....	70



DEDICATÓRIA

Aos meus Pais
Roberto e
Rosa

Minha filha
Arianny e
filho neto

Ao meu marido
Carlos Carvalho

Aos meus irmãos
Anderson, Andreo e
Andréia

A minha orientadora
Mônica Costa



AGRADECIMENTO

Quero agradecer primeiramente a Deus que me permitiu chegar no final de mais um processo acadêmico.

Aos meus pais Maria Aparecida e Roberto Manoel que foram pilares para acreditar que poderia chegar onde eu queria, que o trabalho, a educação e o amor são essenciais nessa longa jornada da vida.

E também a minha filha Arianny Vitória que me acompanha nessa jornada lado-a-lado em todas as aulas e eventos.

Ao meu companheiro, Carlos Carvalho que não mede esforços para que eu alcance meus objetivos.

Aos meus irmãos, Anderson, Andreo e Andréia, além de todos os meus sobrinhos(as) Larissa, Flayderson, Leticia, Emilly e Neto.

Ao meu grupinho “fofoca de si”, Hívina, Fabiane, Ana Maria e Stivison, os quais são amigos de estudo-vida, de choro, de alegria, dividir conquistas e de Vidar.

A minha orientadora Mônica Costa, que não mediu esforços para poder concluir o mestrado, que foi/é muito mais que orientadora, é minha amiga, orienta-mãe, com o abraço mais aconchegante e caloroso que conheço, que me acolhe e me ouve, a qual só sinto amor e gratidão.

Ao Vidar que é minha família no Amazonas, onde me sinto à vontade, onde deu muitas risadas, onde descubro e aprendo sempre algo novo em cada encontro.

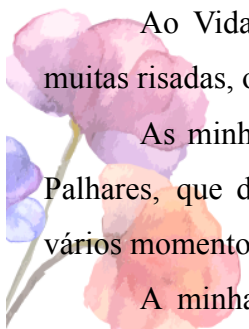
As minhas alunas Valentina e Safira Palhares, além de seus pais Flávia e Antônio Palhares, que dividiram esses últimos anos, me auxiliaram, me ouviram e apoiaram em vários momentos.

A minha co-orientadora Adriana, que em meio a correria da vida se dispôs a me auxiliar.

A banca Prof. Dra. Caroline Barroncas e Prof. Dra. Daniela Franco, as quais contribuíram anteriormente com suas considerações e que se dispuseram em ler e avaliar meu trabalho.

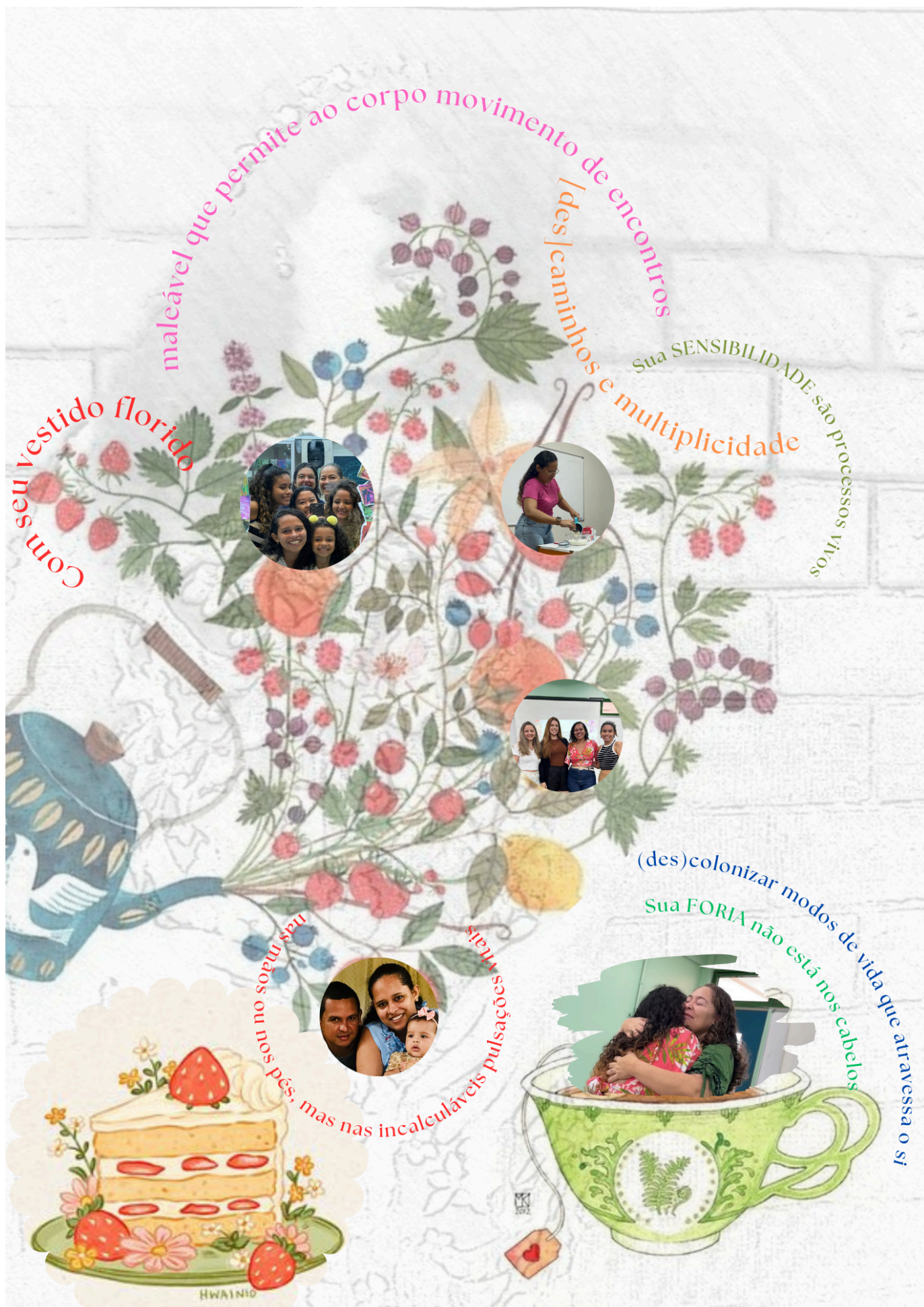
Quero agradecer a Anny, por não desistir e fazer com que esse momento aconteça.

Enfim, em todos que de alguma forma fizeram/são parte dessa conquista.





REFERÊNCIAS >>>>>>>>>>>>>>>> 64



maleável que permite ao corpo movimento de encontros

[des]caminhos

Sua SENSIBILIDADE são processos vivos

Com seu vestido florido



(des)colonizar modos de vida que atravessa o si

Sua FORIA não está nos cabelos

em seus pés, mas nas incalculáveis pulsações matas



HWAINID

1. EXPERIMENTAÇÕES DE ANNY ROBERTA: a poética de uma guerreira do sensível

A pesquisadora se faz escrevendo e escrevendo-se. Escrever significa também mexer em supostas identidades, em certos preenchimentos e em muitas opacidades. A escrita consiste na captura, no encontro e na feitura, bem como encarna o que se chama mundo real e o trai ao mesmo tempo. A escrita não se restringe ao papel, mas alcança o corpo. (Oliveira, Costa e Aikawa, 2024)

A poética do sensível está pautada na constituição da (des)formação de uma guerreira múltipla e plural. A poética do sensível não se limita à mera representação do mundo, mas sim à criação de mundos sensíveis. É um convite à experiência estética que vai além dos cinco sentidos, abrangendo uma gama de afetos, perceptos e intensidades. Desse modo, a arte não imita a realidade, mas a cria, produzindo sensações e afetos que nos conectam a um plano de imanência.

*A guerreira é um corpo em constante movimento,
em contato direto com o mundo.*

*Seus afetos são intensos e variados,
moldados pelas experiências vividas.*

*A guerreira não se limita a um único território,
mas se move entre diferentes mundos,
expandindo seus horizontes e desafiando as normas estabelecidas.*

*A guerreira é um ser de potencialidades infinitas,
capaz de se transformar e reinventar constantemente.*

*A guerreira não se limita a reagir ao mundo,
mas a criá-lo, inventando sua própria vida.*



A poética do sensível, ao oferecer uma nova perspectiva sobre a experiência estética e a criação de mundos, pode contribuir significativamente para as ideias de experimentação que habitam a guerreira. É nessa perspectiva que vou imaginar, pensar, sonhar, viver e sentir por ENTRE SABORES, FESTAS E AFETOS: a experimentação de uma guerreira sensível, que está por vir. Que se constituiu e constitui por entre o ENSINO DE CIÊNCIAS e as EXPERIMENTAÇÕES, no Ensino Fundamental, graduação e pós-graduação. A partir dos acontecimentos das aulas de ciências que serão disparados novos modos de olhar e vivenciar a experimentação, misturando e inventando sabores, (re)visitando festas, acolhendo e me acolhendo com os afetos, isso só é possível, pois utilizaremos as

ferramentas de Foucault, a partir da Estética da existência e da parresia.

O termo GUERREIRA, na dissertação, deu início, das felicitações de aniversário, onde a palavra aparece por diversas vezes, isso me chamou atenção, num primeiro momento me causa estranheza, acho até engraçado porque não me via/vejo assim. Com essa palavra vêm outros modos colados à minha existência que mobilizaram movimentos de reflexão sobre minha vida. A expressão “guerreira do sensível” evoca a imagem de alguém que navega pelas complexidades emocionais da vida com força e graça. Essa pessoa, ao mesmo tempo, forte e sensível, possui uma paleta de sabores emocionais que se refletem em suas escolhas culinárias, experiências de vida e interações pessoais.

Os sabores, as festas e afetos são disparados pelas experimentações vividas com minha mãe e meu pai, com o Vidar e com o grupo “Fofoca de si”, essas deixaram a vida mais doce, mais saborosa, cheia de aromas, alegre, amorosa e amargas apareceram nessa escrita de experimentação-vida.

Para iniciar quero falar da Anny Roberta, mãe da Arianny Vitória, esposa do Carlos Carvalho, orientanda da Mônica, pedagoga de formação e filha de Maria Aparecida e Roberto Manoel e irmã de Anderson Roberto, Andreo Alan e Andréia de Cássia, somos 4 (quatro) e multiplicamos a família com nossos filhos e agora tem mais 6 (seis).

Somos de origem paraense, cidade das mangueiras, das chuvas da tarde, das praias, da culinária potente, do açaí, do ver-o-peso, da Estação da Doca, do Círio de Nazaré, da maniçoba, do banho de cheiro, isso e muito mais contemplam nosso povo e nossa família. Família essa que se fortalece em Icoaraci, distrito de Belém/PA, berço da arte da cerâmica com traços marajoara, o qual a anos sustentam grupos familiares que exploram e criam artesanatos com argila (ouro de nossa terra), ponto de embarque para ilha do marajó (maior ilha fluviomarítima do planeta).

É em Icoaraci, sempre que possível (re)carrego minhas energias, que vejo a família, os amigos, as primas, visito minhas praias favoritas, tomo água de coco gelada admirando o rio Guajará, ouvindo os sons dos barcos (o famoso pôpôpô), da praia do cruzeiro, retomando lembranças de uma infância que segue o seu mesmo trajeto. Foi em Icoaraci que morei boa parte da vida até mudar para Manaus e lá que fui aprendendo com minha mãe o gosto pela culinária e pela confeitaria.

Essa ligação uterina, natural dos saberes ancestrais femininos, é que nos leva de volta à terra, como centro da vida, mediante escuta sensível, segundo Machado (2020), essa escuta sensível é dada na escuta da intimidade, da ancestralidade, sentindo, ouvindo e percebendo o encanto do valor da existência, reconhecendo em virtude de todas as

vivências, derivando do partilhamento e cuidados na relação.

Nessa estrada longa da academia, na busca de chegar em um lugar e de se constituir uma guerreira, utilizo como modo de constituição a autobiografia enquanto escrita de si e da invenção de si que é como uma fabricação de uma vida com o intuito dar visibilidades para outras existências femininas e menores. Através de minhas anotações, experimentações e reflexões sobre os movimentos docentes e de vida, saindo da submissão de refletir somente sobre os pensamentos de outros, “a escrita de si mesmo aparece aqui claramente na sua relação de complementaridade com a anacorese: atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível.” (Foucault, 1992, p. 1).

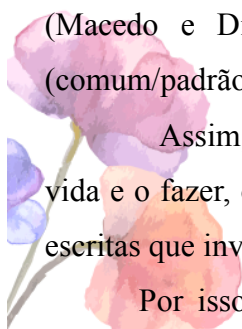
Com base nessa purificação do pensamento e do olhar para o si, que utilizamos também a ferramenta do cuidado de si, a qual pode ser uma prática, um exercício de si, com o outro, e das relações que acontecem no mundo que se está, assim, pode ser uma possibilidade para “[...] um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência [...]” (FOUCAULT, 1982, p.11). Mas, não em um tom marcado de obrigatoriedade, como em outros momentos da história da humanidade, que “[...] vieram a ser assentados pelo cristianismo e pelo mundo moderno numa moral do não-egoísmo [...]” (Ibidem, 1982, p.18).

Acontece, que a escrita aqui pensada, desse modo, pode ir para além das estruturas que estamos sempre realizando (e sendo cobrados para tal), mas, sobretudo, “[...] também de produzir interferências (ou fissuras) seja naquele que escreve, seja naquele que lê” (Macedo e Dimenstein, 2009, p.154). A escrita não precisa ser mais como antes (comum/padrão), mas que pode causar estranhamentos até no jeito de escrever.

Assim, essas linhas autobiográficas como escrita de si, talvez, podem considerar a vida e o fazer, o agora como uma opção. E quem sabe não é possível experimentarmos 03 escritas que invente/produza outras de si?

Por isso, um experimentar da vida por outras vias, pelas linhas autobiográficas, linhas essas soltas, que vão alinhavando-se ao serem traçadas, e que não são as mesmas linhas em cada movimento, mas que podem ser múltiplas, outras, diferentes, imprevisíveis, provisórias, um (re)dizer de si.

Não tenho a pretensão de definir uma fórmula, e muito menos de prescrever algo, pelo contrário, mas o movimento pode falar sobre uma abertura para essa aproximação, e pensamos que cada um pode criar sua própria possibilidade, pode ser expansão para olharmos possibilidades outras de desvios para invenção. Como “[...] permanente outramento de si – ou abertura, fenda, para o indeterminado, o instável, o imprevisível [...]”



(Macedo e Dimenstein, 2009, p.158). Quem sabe assim não podemos,

[...] empreender uma escrita-potência, ou seja, uma escrita que mantenha a intensidade de quando foi produzida, através da afirmação das experiências, dos encontros e dos desvios que ocorrerem no pensamento e na rede de afetos, no momento em que é lida; ou, ainda, uma escrita que resista e insista na produção de conhecimentos que afirmem possibilidades de variação da vida. (Macedo e Dimenstein, 2009, p.163).

Essas linhas que podem ser como um modo de escrita sobre si pela autobiografia, não são somente uma ação individual, mas pode ser um movimento plural também, das experiências que são textualizadas de uma pessoa, mas, que, além disso, é um trazer sobre o outro, sobre os diferentes atravessamentos que são também de outros sujeitos.

Em uma ação de escrever sobre si, é produzir uma escrita/prática de si que potencializa as diferentes experiências na/da vida que é como toque que marca, atravessa não somente um sujeito, mas outros, ainda que de formas diferentes, mas que diz também de um tempo, ou de um lugar... A autobiografia que inventa uma guerreira do sensível e borra os ideais da dualidade que o ocidente e a modernidade apresentam.

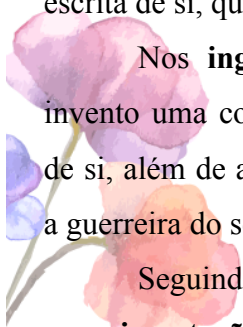
Não é dentro e fora, inimigo e amigo, são ações que se misturam, se considerarmos “[...] a importância de colocar o nosso próprio pensamento em movimento, através das linhas que registramos no misto: escrita/leitura/vivência/memória/leitura/escrita” (Macedo e Dimenstein, 2009, p.164). Linhas que podem ser da autobiografia como um modo de escrita de si, que pode ser outra forma de se experimentar a subjetivação.

Nos **ingredientes**, teremos os: **Sabores de uma guerreira do sensível**, onde invento uma cozinha-experimentação, na qual acontecem encontros potentes e produções de si, além de atravessamentos na/da ciência, inventariando um novo sabor que transborda a guerreira do sensível.

Seguindo com o **modo de preparo**, nos deparamos com: **As festas experimentação-invenção de uma guerreira do sensível**, aqui apresentarei festas-vidas, festas-docência que me compõe e permitam que experimente novos modos, trazendo discussões sobre experimentação tradicional e a torção dessa ideia.

Na **montagem**, temos: **Afetos que constituem uma experimentação de uma guerreira do sensível**, trarei os afetamentos de experimentações no estágio docência, como discussões de possíveis afetamentos em experimentações.

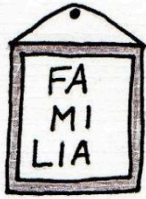
É pensando nesses outros modos e possibilidades de ensinar e aprender, buscando o diferente, numa vertente pós-crítica de estudo, na qual os modos de olhar o ensino de



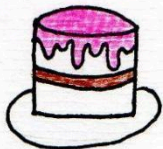
ciências no ensino fundamental e graduação se modificam, “...chama-nos a atenção para que é preciso substituir a visão tradicional do conhecimento como algo estável e seguro por algo dotado de complexidade que tem de se adaptar constantemente a diferentes contextos e cuja natureza é incerta.” (Cachapuz; Praia; Jorge, 2004, p. 364), diante disso, lanço a questão problema: De que modos se constitui as ideias de experimentação de uma guerreira do sensível que ensina e pesquisa ciências mobilizada pelos sabores, festas e afetos na invenção de si? Para tanto, assumo como Objetivo Geral: Inventar a constituição das ideias de experimentação de uma guerreira do sensível que ensina e pesquisa ciências mobilizada pelos sabores, festas e afetos na invenção de si e, objetivos específicos: Estudar o conceito de experimentação a partir da Filosofia da Diferença e parresia para Michel Foucault; Narrar acontecimentos decorrentes das ideias de experimentação na constituição de uma guerreira do sensível mobilizada pelos sabores, festas e afetos na invenção de si; Discutir os elementos constitutivos das ideias de experimentação inventariando um modo de existir enquanto guerreira do sensível.

Se prepare, para a partir de agora, se deliciar nos sabores-vida da guerreira do sensível, que se impulsiona no Pará e se deleita pela Amazônia, (re)criando novos sabores, a partir da cozinha-experimentação, que traz receitas e se (des)receita nesses outros modos de ver e viver a vida, seguindo pelas festas que passam pelo ensino de ciências e pela vida-experimentação dessa guerreira, finalizando com os afetos e afetamentos que constitui, juntamente com o Vidar-Família-Ensino de Ciências.

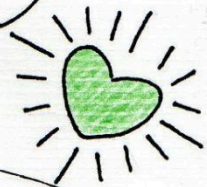




SABORES



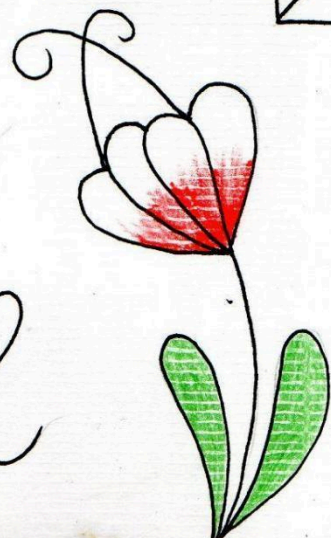
de uma



GUERREIRA



do
Sensível



2 - Ingredientes

Início esta escrita ¹destilando os sabores que fazem a vida ser o que ela é, doce, salgada, amarga, por vezes de sabores estranhos, que mesmo sem experimentar nos causa certa ânsia. O mundo da culinária é vasto e repleto de nuances, onde cada prato conta uma história e cada ingrediente tem um papel crucial a desempenhar. “Sabores de uma Guerreira do Sensível” é uma jornada através dos sentidos, onde a sensibilidade e a força se combinam em receitas que nutrem o corpo e a alma.

Apresento a receita ou seria (des)receita da Anny e o modo a qual ela foi preparada. Saboreando, experimentando, fui me deliciando nos sabores das experimentações do Ensino de Ciências, desde o início do período escolar até a pós-graduação, venho deglutindo experimentações variadas.

Por vezes não percebemos tudo que herdamos de nossas mães e avós e pensando agora nessas memórias “vemos, pois, que tudo gira em torno do privilégio do exercício da memória, exercício da memória que é aquilo que nos permite aprender a forma de realidade de que não podemos ser despossuídos, na medida mesmo em que ela já foi” (Foucault, 2006, p. 568).

Dessa forma, o que aconteceu fica à disposição da memória, possibilitando um modo de ser aquilo que não é mais, a qual igualmente Chaves (2017), desconfio que não sejam tão nossas assim, pois as tais “contam-nos não o que fomos/somos, mas o que é preciso lembrar que fomos/somos” Foucault (2006), e nesses fomos/somos, que trago bagagem de experimentações que marcaram a vida de estudante, partindo da ideia tradicional de experimentação.

Vejo o quanto sou parecida com minha mãe, todos os aniversários ela é quem fazia os doces, no bolo ninguém tocava, ela preparava a massa, o recheio (sempre a gosto do aniversariante) e a cobertura de manteiga com açúcar era a melhor, o desenho era criação dela e um bom saco de confeitaria.

Na Filosofia da diferença, o cozinhar se faz presente quando interrogamos e colecionamos estratégias de estranhamentos das habitações de si e inventividades de outros modos. Assim como a metodologia no viés “tradicional”, aqui são produzidas pelejas para fabricar outros questionamentos e outros pensamentos que sejam mais insurgentes e

¹ Destilar: significa separar ingredientes através de evaporação e condensação (Fisioquímica), segundo Oxford Languages. Na dissertação o termo **destilando sabores**, se refere a separação de ingredientes que compõe a receita-vida no ato de (des)receita-se. “Se, para Deleuze & Guattari (1992), a filosofia é a arte não de reproduzir (de contemplar), mas de criar, de inventar conceitos, é no que autores chamam de *Plano de Immanência* ou *Consistência* que os conceitos se presentificam, como um corte no caos, como lâmina que agencia uma constelação informe. (Mossi, 2014, p.6)

inventivos, isso explica, o modo como se movimenta, parece um pouco o ato de cozinhar: uma pitada de estranhamento daqui duas colheres de pensamentos açucarados dali, finalizando com uma colher de sopa bem cheia de fermento pós-crítico (essa precisa descansar para dobrar, ou triplicar, ou desmesura no tamanho).

Ao assumir uma abordagem teórico-metodológica, o pesquisador dá indícios de que o modo de preparo utilizado para realizar a pesquisa difere dos modos já conhecidos e ressalta que esses procedimentos saciam a necessidade de olhar para si e buscar o que acontece no processo educativo. Aqui possibilito, a partir da Estética da existência e da Parresía, pensar a vida como obra de arte, pois caminho com Chaves (2016), Foucault (2006, 1992), Fischer (1997), entre outros intercessores que se movimentam nessa descontinuidade.

Em meio ao vai e vem dos sabores, me apoio em modos que não se preocupam com a quantidade numérica, e sim em se opor “ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências” Gerhardt; Silveira (2009, p. 31). A escolha aqui é por uma escrita que busca criar modos outros de experimentar, desconfiar das coisas ditas e, diante de minhas singularidades, “tendo em vista a construção e a experimentação de novas ideias e deslocamentos, e não propriamente na compreensão e na operacionalização dos seus estatutos” (Grisotto, 2012, p. 181). Busco como um suposto eixo de discussão as ideias de experimentação que me habitam e que estão relacionadas às capturas formativas e da vida.

Para ressaltar o sabor, trago a ferramenta Foucaultiana do cuidado de si, a qual me ajudou a perceber que a ideia de experimentação que estava me habitando, poderia ser modificada, pois a mesma fazia parte de um discurso de poder construído ao longo dos anos, onde “à sedução do discurso da ciência, verdadeira, salvadora e benéfica, sempre comprovada pela via experimental?” Chaves (2013, p. 121), onde para ser um “bom” professor-cientista era necessário realizar experimentos em laboratórios, utilizando equipamentos apropriados e disposto a fazer dar certo as teorias e métodos estudados.

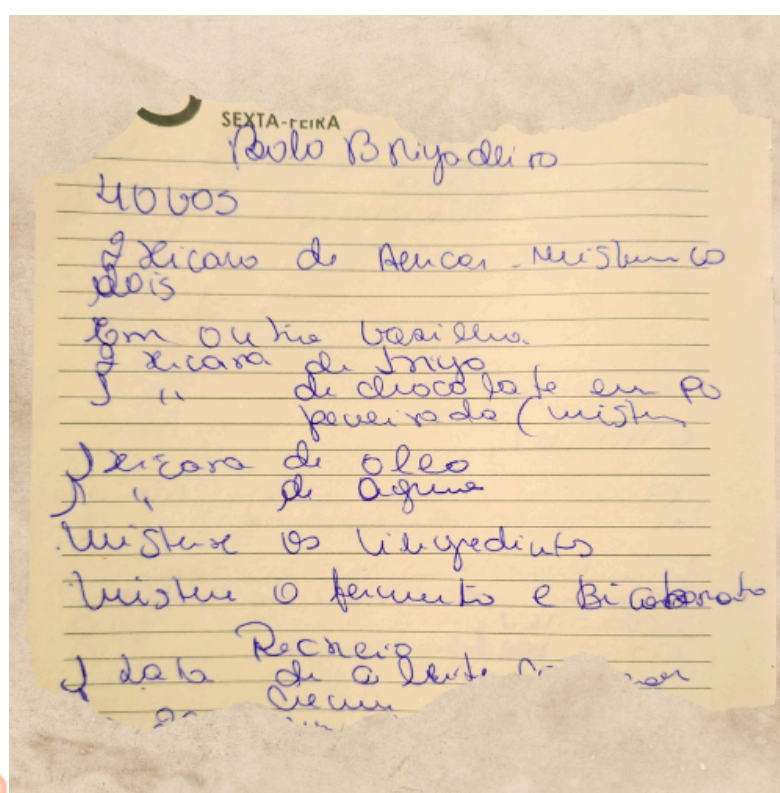
Ao pensar em sabores, automaticamente pensa-se na boca, língua, sistema digestivo e os órgãos do sentido. O paladar segundo dicionário Ferreira (2010, p. 557), é o “sentido pelo qual se percebe o sabor das coisas; gustação”, ou seja, o paladar consiste na sensibilidade gustativa, possibilitado por meio da língua, órgão que permite identificar o gosto, textura e temperatura dos alimentos através de seus sensores, eles agiram na experiência com os alimentos, conhecido como gustação.

Segundo Flores (2024), a língua é um músculo e estão localizadas cerca de 4 mil unidades gustativas com 40 a 60 células sensoriais. As papilas gustativas permitem

identificar os cinco gostos básicos: doce, salgado, azedo, amargo e umami, esses sabores são identificados pelo cérebro. Essas são “multicelulares, munidas de receptores específicos [...] inervados por neurônios sensitivos que transmitem a informação recebida para áreas específicas do cérebro”, segundo Palazzo, Meirelles, Japur, Diez-Garcia (2019), e essas informações sensitivas que marcam a memória e gosto pelos sabores.

Ao falar em experimentar sabores, o amargo, principalmente do chocolate amargo me atrai demais, no entanto, gosto muito de fazer doces, sobremesas, principalmente bolos, e minha mãe tem muitas receitas escritas em agendas, abaixo segue um exemplo:

Figura 1 - Receita da mamãe



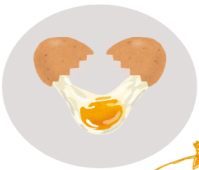
Fonte: Autora, 2024.

Essa não é a mais tradicional das receitas dela, mas nos propõe experiências gustativas-vida que duraram uma vida.

Capturada pelo viés do des, invento uma (des)receita. O uso prefixo (des) no português pode ser utilizado com verbos (dando sentido de *reversão*) e com adjetivos (dando sentido de *negação*), combinando muito bem com palavras que denotam processos de reversão. A partir dessa observação e pensando em modo de inverter receitas já existentes, criei, a (des)receita, onde permite inventar receitas de si, sendo artista de si.

Uma criação minha, inspirada na receita que minha mãe fez e (re)fez por tantas vezes, assim como as experimentações que acontecem no ensino de ciências, onde os alunos eram levados a ver o ensino de ciências como repetição, e não são levados a pensar e refletir sobre o assunto. Aqui já não é o suficiente esse modo de ensinar, pois “mais do que pensar formas, estratégias eficientes de ensinar, divulgar os produtos da ciência, ao professor cabe questionar, problematizar os processos de produção do conhecimento...”, Chaves (2013), além disso, indagar, ver-se e (trans)formar as ações existentes em novos modos de habitar o ensino.

Bolo-experimentação



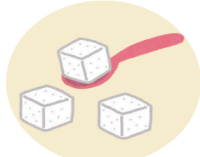
3 ovos

Tem que ser três, porque se for menos, conforme as ideias de experimentações tradicionais para dar certo e encontrar a “verdade”, tem que seguir a risca.



250 g de manteiga

Essa é para dar umidade as ideias cristalizadas, se troca o ingrediente, está fadado ao insucesso das propostas curriculares.



1 x de açúcar

Se poder colocar mais torna o processo docente, mais prático, prazeroso e atrativo, mas se for menos desperta vocações para carreiras científicas.



1 x de leite

Tanto faz quente ou frio em uma experimentação é “necessário” conhecer os conteúdos da ciência.



2 x de trigo

Uma abundância de massa do impedimento como “o professor deve...”, “é necessário...”, “é preciso...”, uma imposição de “verdades” com as formas corretas de ensinar.



Essência de baunilha a gosto

O realçador do sabor pós-crítico, bastam algumas gotas para deixar seu sabor e cheiro em todos os espaços da escola-vida.



1 colher de chá de fermento

Basta uma colher de Foucault para reconhecer a auto-formação da estética da existência e ter a vida como obra de arte.



Mas é possível falar de sabores sem falar de COZINHA?

Uma guerreira sensível, entende que cozinhar é mais do que apenas misturar ingredientes. É uma arte que exige atenção aos detalhes e uma profunda conexão com cada elemento. A cozinha é o lugar onde a ancestralidade, múltipla, cheia de movimentos experimentais relacionada aos sabores existenciais, e é o seio das concentrações familiares, das conversas rotineiras, dos cafés, dos encontros, dos (des)encontro, possibilitando a parresía como a “técnicas fundamentais para a prática de si mesmo [...]na relação mestre-discípulo: Parresía define a atitude do mestre e silêncio do discípulo[...] quanto a técnica necessária para transmitir os discursos verdadeiros.”, segundo Castro (2009, p. 316), e nessa visão dos nossos ancestrais como mestres que praticamos do si no lugar onde acontecem mais experimentações, na cozinha.

Por vezes, o ato de realizar uma receita pode ser comparado a uma experimentação, pois seguimos um método (modo de fazer), pautado na racionalização de procedimentos (adição de cada coisa), o qual foi assimilado através da indução e a dedução, Giordan (1999). As experimentações ditas “tradicionais” como, por exemplo: a da vela, do feijão, as quais acontecem no ensino fundamental, despertam certo interesse e curiosidade no aluno, o que para alguns possibilitam a confirmação dos conhecimentos aplicados em sala de aula.

Segundo Giordan (1999), “é de conhecimento dos professores de ciências o fato da experimentação despertar um forte interesse entre os alunos em diversos níveis de escolarização.” Essa é uma constatação defendida fortemente no ensino de ciências, por atribuir caráter motivador, lúdico, assim como na cozinha, que tem sua essência recreativa.

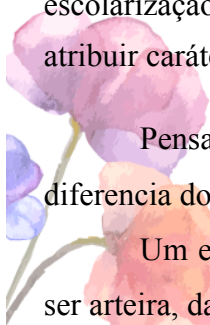
Pensarei a partir de agora em uma **cozinha-experimentação**, cozinha essa que se diferencia do que estamos habituados a pensar, a ver, a frequentar e viver.

Um entrelugar que habita o coração da Anny, a partir da amorosidade, da alegria, do ser arteira, da criançeira, do sorriso, acolhedora e forte.

Essa faz sonhos acontecer, faz você querer ser, faz o outro se deliciar nos sabores, na degustação de bem-estar, das histórias de vida/docência e no aconchego e sorrisos múltiplos.

Irei explorar sabores que definem essa guerreira sensível, como: **o doce abraço caloroso, o salgado da resiliência, o amargo da verdade, o sabor Vidar.**

A partir da ruptura do pensamento tradicional da ideia de experimentação, consigo ver um experimento acontecendo, mistura daqui, acrescenta ali, pensa nas combinações, além de ter que imaginar os arranjos perfeitos, acrescentar sal, ou talvez açúcar? Invenção?



Criação? (re)criação, assim, a invenção vai acontecendo, igualmente acontece nas experimentações.

Cozinha-experimentação, conexões e multiplicidade.

Ideias fixadas de experimentação já não habitam mais, e pensamentos são explorados, na busca de rupturas dos conceitos já estabelecidos, os ditos “tradicionais”, a partir da criação e invenção, da transição e construção de novas possibilidades de subjetivação surgem, buscamos aqui, “propor uma prática de experimentação mais interessada em gerar perguntas, em criar movimentos e inquietações a partir de questionamentos e não com a intenção de buscar soluções ou respostas.”, segundo Correa; Sampaio; Borja (2023, p. 1152), gerando estranhamentos e curiosidades, instigando movimentos mesmo que miúdos no ensino de ciências.

Questionando-me sobre as experiências escolares, pergunto-me: quais experimentações mobilizadas pelos sabores tem visibilidade aqui? Pelos sabores? Não lembro de nenhuma. Mas a experiência realizada com a garrafa e um ovo cozido logo brilhou em minha cabeça. Podemos dizer que essa funciona como modo de testar algum tipo de teoria, a fim de validar ou desqualificar, partindo do teórico já conhecido, seguindo um método rigoroso.

A partir da leitura de Deleuze e Guattari (1995), assim como de artigos que tateiam novos modos de experimentar, é nos movimentando a partir da arte, da criação, que o “abandono das verdades eternas e criando os nossos próprios problemas” (Vince, 2018, p.328), podemos mobilizar linhas de fuga, possíveis, imergindo em novos ambientes de educação-vida.

É na cozinha que muitos sabores predominam, como o doce, que nos possibilita degustá-lo através do olfato, e imaginar o quanto bom está aquilo que está sendo preparado ali, ele é o mais popular dos sabores entre a população no geral, evidentemente é um dos sabores mais comuns, pois “é importante lembrar que a criança nos primeiros três meses demonstra maior predileção por alimentos doces, em virtude da familiaridade com o leite materno, ligeiramente adocicado nesse período”(Brasil, 2009, p.86).

Ainda na infância somos apresentados às frutas, bolos, bombons e doces que garantem ainda mais a adaptação ao sabor doce. Segundo Ferreira (2010, p. 263) o doce “que tem sabor como o do mel ou o do açúcar. De sabor agradável. Meigo. Brando, ameno. Um dos sabores básicos do paladar, geralmente considerado mais prazeroso, indica alimento rico em energia.”

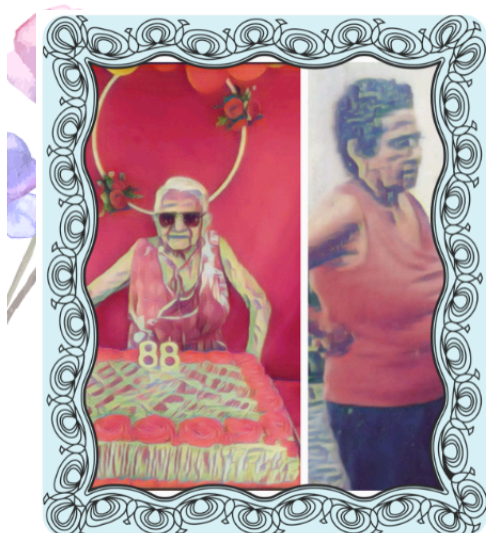
Essa energia que contagia quem come, mas também que prepara um doce principalmente em família. Nessa cozinha-experimentação, mobilizo-me pelo **doce abraço caloroso**, é o sabor de um abraço caloroso, do carinho entre família, amigos e da realização de um sonho. Seja por um simples gesto de bondade ou de um sorriso aconchegante, essa guerreira sabe o poder que pequenos atos de doçura têm para transformar o mundo ao seu redor.

Onde, as doces emoções como amor, carinho e compreensão são essenciais em suas interações diárias, além de materializar os momentos de alegria, amor e ternura.

O doce simboliza a empatia, sensibilidade e compaixão inerentes a uma guerreira sensível. Esse sabor é sentido quando se aplica a si, o conhecer a ti mesmo, no contexto de dizer a verdade, em conjunto com o outro.

Dos utensílios utilizados na cozinha-experimentação, posso destacar a arte, a poesia, a criação, o desejo de um devir como um processo de transformação, multiplicidade e criação de novos modos de existência, para possibilitar a transgressão, borramento do pensamento engessado imposto, assim como, da reprodução de pensamentos já elaborados. Segundo Correa; Sampaio; Borja (2023, p. 1158) “para isso, é preciso pensar nos deslocamentos que o currículo precisa fazer para se libertar de fórmulas previamente organizadas sobre o que ensinar e o que aprender.”

Figura 2 - Ancestralidade



Comparo a mulher à terra porque lá é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra.

Paulina Chiziane

Fonte: Autora, 2024.

Na *figura 2*, apresento a fotografia de minhas avós (paterna e materna), começo esse trecho falando da minha avó paterna de nome Ana Lúcia de Souza Furtado, que está na

foto de comemoração de seus 88 anos.

Bolo bem grande para toda família.

Sabor de cupuaçu.

Daqueles que cheiram longe.

Ela, descendente do Amazonas, mas precisamente Boca do Acre, segundo ela mesma quando sua mãe faleceu, ainda era pequena, foi para Belém com suas irmãs e tios e desse momento em diante passou a morar na casa de parentes e nessas vivências aprendeu de culinária.

O cupuaçu, cientificamente conhecido como (*Theobroma grandiflorum*), domesticada por indígenas da Amazônia, surgiu na Bacia do Rio Negro segundo Rech (2024), fruta típica do norte do Brasil, o cupu como é popularmente conhecido, tem um sabor único, ácido, azedo na medida certa, esse azedume acentuado me atrai demais, gosto dele puro, ele transita entre esses dois sabores, assim como, a vida que em meio as doçuras aparecem azedos que dão outro sentido a existência.

Cupu, o menino pavulagem!

O cupuaçu,

Ou cupu,

Menino moreno, nortista raiz,

De sabor extraordinário,

Perfume que invade a casa,

Sempre presente nas reuniões de família.

Formado ou em (des)forma,

Ele é o rei:

bombons, licores, tortas e bolos,

Doce da vovó,

sucos nos momentos de calor,

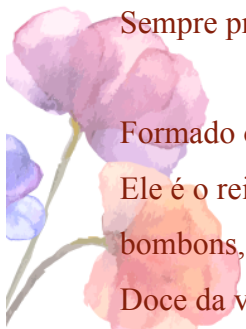
Infinitas sobremesas.

Cupu, que se dar bem com tudo e todos,

Até as sementes guardam segredos:

manteiga,

cupulate,



pomadas, batons,
condicionadores e xampus.

É-gu-a...

Esse menino é pavulagem.

É Amazônia em um só fruto,
carregando nos ombros
o cheiro, o gosto
e a força de toda uma terra.

O cupuaçu, esteve/está sempre presente nas reuniões de família e a casa da minha vó era aquela que acolhia a todos, com o doce de cupuaçu e um toque de cravinho, estava sempre a mesa para adocicar as conversas, enquanto o baião e a carne de panela estavam no fogo, sendo preparada para o almoço no quintal, e é disso que ela gosta, até hoje esses momentos de alegria em família acontecem, mas agora ela fica ouvindo as conversas, falando as bobearias para os netos.

A comida proporciona momentos de encontros de corpos, de cores, cheiros e sabores, muitas vezes é um trabalho de produção coletiva e/ou solitário, para Sales; Carvalho (2020), “O encontro pela comida é potência para gerar diferenças e movimentos.” que subjetivam e atravessam os trajetos humanos pela alimentação, esses movimentos são dispostos conforme a localização geográfica de cada sujeito, os afetamentos, os caminhos percorridos diante das transformações, onde “comer é encontrar diferentes tempos e espaços.”

Minha avó fazia doces como ninguém, pena não tive oportunidade de aprender tudo o que ela sabia, pois ela perdeu a visão e com os acontecimentos da vida o seu potencial de locomoção foi diminuindo, mas por muito tempo ela continuou puxando barriga de gestantes, benzendo crianças de quebrantos e mau-olhado². Penso que neste ato de cuidado

² Em outros casos como na benzeção de “mau-olhado”, acredita-se que a inveja e tudo que estiver no corpo do cliente passam para o ramo. Este por sua vez deve ser colhido na hora da benzeção e após a recitação da mesma o ramo deve murchar. Segundo o Sr. Augusto “o ramo ficou murcho porque as coisas que tinham de ruim na pessoa passaram pra ele”. Na linguagem das benzedadeiras se o ramo murchar significa que a pessoa está “carregada”.

Carregada: Segundo pesquisa de campo, consta-se que uma pessoa esteja “carregada” quando ela foi acometida de “olho gordo”, ou seja, inveja. Nesse sentido a pessoa que benze sente uma “áurea negativa” que envolve o indivíduo.

com o outro, passa pela prática do cuidado com si mesma, tornando-se sensíveis às práticas de experimentações que a sujeitam a viver a vida como obra de arte.

Esse é um costume comum em nossa cidade da nossa Região, faz parte da cultura, as benzedadeiras existem há muitos anos, são pessoas que curam pela fé, faz parte da medicina popular, com orações em favor do bem do corpo e da alma.

Nogueira, Versonito, Tristão (2012), essas orações salvaram muitos dos males das doenças, do corpo e da alma, sem falar no dom em preparar remédios caseiros, feitos com folhas, galhos, raízes, sementes.

Teve um tempo que minha avó me pediu para escrever as receitas dos remédios caseiros, nessa altura ela já havia perdido a visão, foi uma escuta cheia de sensibilidade, onde não perpassa apenas no ouvido, mas no olhar (meu para ela), o perceber, o sentir, o sagrado que nos habita, provindos das singularidades ancestrais, do conhecimento de nossa natureza, da potência de criação e conhecimentos tradicionais, os sabores aqui são variados ruins, bons, cheiro fortes, conhecidos de longe.

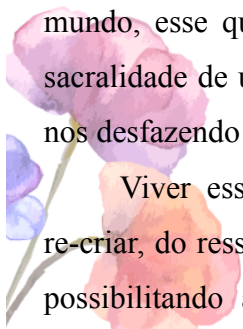
Diante das transformações da vida, da possibilidade de questionar, criticar e refletir, possibilito segundo Machado (2011, p. 24) “modos de sentidos, de sentir, ver, ouvir, tocar, falar, entender que somos seres de percepções diversas, somo muito mais do que “o olho que vê”, somos o que sentimos, somos as sensações que nos habitam”, a partir dessas habitações de cuidado e de continuidade ao ciclo da vida e ser ancestral de alguém.

Foi no gestar que senti o sabor mais delicioso que da VIDA, do AMOR mais puro do mundo, esse que tem cheiro de esperança, paz, gosto de viver, “É também, conhecer a sacralidade de um corpo natureza. O exercício de pertencer ao mundo e ser grata pela vida, nos desfazendo diariamente das inferiorizações...” (Machado, 2020).

Viver esse exercício de experimentações da vida, de reinvenção, da criação, do re-criar, do ressignificar, da transformação que desconstrói para reconstruir, o corpo inteiro possibilitando as existências humanas, integrando essa relação, de sabedoria que nos movimenta em caminhos singulares e diversos.

Nesse caminhar cheio de curvas e desvios que me vi perdendo a vaga na Universidade, após ter que trancar a matrícula, os sabores amargos feito fel eram sentidos, mas a guerreira que habita em mim não é aquela que simplesmente suporta todas as adversidades sem questionar. Ela é alguém que reconhece as pausas da vida, que entende a necessidade de respeitar os tempos de interrupção e reflexão.

Ela conhece o **sabor salgado da resiliência**, que não é apenas a força de resistir, mas de ESPERANÇAR, além disso, a sabedoria que surge dos momentos de pausa e dos



desafios enfrentados. São as lágrimas derramadas, as lições aprendidas e as dificuldades superadas que temperam sua jornada.

A resiliência, para ela, é um equilíbrio entre os altos e baixos, onde cada dificuldade se torna uma oportunidade de crescimento. A guerreira sensível enfrenta seus desafios com coragem e uma força tranquila, sabendo que, ao equilibrar suas emoções, ela encontra a força necessária para seguir em frente, sem pressa, seguindo o fluxo do vento, das curvas e obstáculos.

Diante das pausas necessárias e olhando para as histórias de luta, vida e lembranças de minhas avós e mãe, vejo que herdei delas a força de lutar por uma vida “melhor”. Assim, voltei disposta a fazer valer as oportunidades que estavam sendo dadas. ESPERANÇAR é uma palavra que está no meu dicionário e assim segui a graduação.

Após dois longos anos, retornei à universidade, o sabor sentido aqui era ruim, mas que estava ganhando um adocicado na medida certa, dispondo na realização de uma nova escrita, uma nova história “que a escrita tome o lugar dos companheiros de ascense: de tanto enrubescer se por escrever como por sermos vistos, abstenhamo-nos de todo o mau pensamento. Disciplinando-nos dessa forma, podemos reduzir o corpo à servidão e frustrar as astúcias do inimigo.” (Foucault, 1992, p. 129).

Essa nova graduanda-mãe que retorna a busca por conhecimento, assim como:

Carregamos toda uma ancestralidade que nos permite ser, existir, resistir, re-existir, assim, somos ancestrais, nossos corpos são ancestrais, portanto, sagrados. Desse modo, nossa existência só é possível em contato, em relação com a natureza. Sem ela não somos. A ancestralidade é a natureza. Assim sendo, os *saberes ancestrais femininos* nos ensinam que devemos voltarmos à terra, pois ela é o centro da vida. Voltarmos ao centro da terra é ouvirmos nossa ancestralidade, encantarmo-nos com essa escuta, uma *escuta sensível* que tece nosso *ser-tão*. É a escuta de nosso útero. (Machado, 2020)



Foi a partir dessa escuta de um útero materno que me conduz e me disciplina a buscar o melhor para essa existência. No início dessa trajetória, o mundo se deparou com a pandemia de Covid-19 segundo o Ministério da Saúde “é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2” (BRASIL, 2023), foi um momento de muita fragilidade de todos, muitos óbitos, muito medo, momento de reconstrução física, psicologicamente.

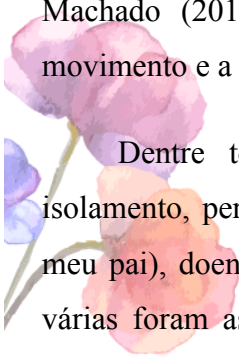
Nessa fase, deparei-me com a ferramenta de cuidado de si em Foucault, a partir da leitura do livro *Hermenêutica do sujeito*, uma leitura central para tudo que viria, pois o

cuidado de si é “constituído a partir do conhecimento de si” (Foucault, 2006, p. 85), ao assumir as posições mãe-universitária, a universitária-mãe, a filha-mãe-universitária, a esposa-mãe-filha- universitária e muitas outras, fui colocando meu corpo numa armadura pelo viés da modernidade.

A guerreira que habita em mim não é aquela que simplesmente suporta todas as adversidades sem questionar. Ela é alguém que se permite refletir sobre os desafios, que se pergunta o que está por trás das dificuldades e busca novos modos de ver a vida. Em vez de apenas resistir, ela se abre para entender os ensinamentos que cada momento difícil traz, questionando suas crenças e expandindo sua visão.

É uma guerreira que, ao invés de ser imune às adversidades, abraça suas fragilidades e aprende com elas, transformando as batalhas em oportunidades de crescimento e autoconhecimento. Ela reconhece que a força não vem apenas da resistência, mas também da capacidade de se reinventar e de olhar para a vida com uma nova perspectiva.

O “conhece-te a ti mesmo” é uma forma de centralização de pensamento, de concentração da alma em torno do seu eixo, da resistência de si. (Foucault, 2006). Isso nos ajuda no afastamento das sensações e desvincula-se de todos os acontecimentos externos, o qual possa nos desalinhar no conhecimento de si, influenciando no cuidado de si, no cuidado com o outro. Tais leituras me movimentaram a refletir sobre a experiência, que para Machado (2011) “não há conhecimento sem experiência, não há conhecimento sem movimento e a experiência só acontece em movimento!”.



Dentre todos os movimentos realizados nessa época de medo, insegurança, isolamento, perdas e descobrimentos, nesse mesmo ano nos deparamos com o câncer (em meu pai), doença maligna que nos atravessou como flecha. Foram quase 3 anos de luta, várias foram as batalhas vividas, entre aulas da graduação, as quimioterapias, curativos, sustos na madrugada, muitas idas ao FCECON- Fundação Centro de Controle de Oncologia do Amazonas, PAIC – Programa de Apoio à Iniciação Científica, a Residência Pedagógica, a filha iniciando sua jornada escolar, a VIDA.

Até aqui estava habitada pela ideia positivista de experimentação que ao longo dos anos vem influenciando práticas pedagógicas, principalmente, no que se refere a área de ensino de ciências, isso tudo porque o método científico, onde o professor era cientista, soberano na inteligência humana, “saber selecionar e hierarquizar variáveis, segundo

critérios de pertinências para a compreensão dos fenômenos, controlar e prever seus efeitos sobre os eventos experimentais...competência de extremo valor para educação científica do aluno.”

Giordan (1999, p. 13), o reconhecimento como instrumento de promoção das competências curriculares, científicas, objetivando a obtenção nas áreas de conhecimento, essa ideia esteve em mim durante um longo período.

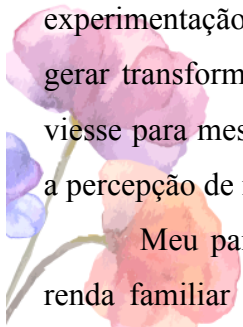
O luto e a partida, nos faz perceber que o pertencimento ao mundo dito físico faz levantarmos vários questionamentos diante da perda da vida terrena, a dor da despedida, e, ao mesmo tempo que sofremos, buscamos através de nossos ancestrais essa compreensão de estar no mundo, de se (re)conhecer e entender a luta de nossa “origem”, os quais criaram para buscar caminhos que abrem margem para outras mulheres.

Estudos já comprovaram que é possível sentir sabores a partir de outros sentidos, como revela o farmacêutico e bioquímico, Koppman (2015), onde os nossos sentidos como visão e o olfato e até a audição quando, por exemplo, ouvimos a fritura de um alimento, isso pode dar condições sensoriais para essa experiência. Os sentidos afetam diretamente as percepções e aceitação dos alimentos.

Falar de sabores nesse ponto é essencial, pois por aproximadamente 3 anos meu pai que sempre amou comer, cozinhar para todos, perdeu a possibilidade de se alimentar pela boca e saborear os alimentos, isso doía em todos, há princípio comíamos meio que escondidos, depois entendemos a realidade e precisamos enfrentá-la, como uma experimentação, ao ser por meio da atividade e da experimentação que se torna possível gerar transformações capazes de dar origem ao novo, então nosso novo modo foi que ele viesse para mesa e conversa com ele, interagindo do seu modo, nesse momento desvela-se a percepção de representação da aprendizagem.

Meu pai ainda adolescente começou a ajudar no sustento de casa, a base de uma renda familiar vendendo picolé e quando se tornou pai já trabalhava como metalúrgico. Desse trabalho construiu alicerce para possibilitar estar onde estou.

Para Sales (2024, p. 3) “Uma vida pode, então, ser tecida ao modo de uma obra de arte, com poética, com rigor estético, entremeando-se com os caminhos a serem trilhados.” pela estética da existência é que me deixou saborear a formação inicial, me lambuzando de arte, de experimentação ainda ditas “tradicionais”. Nesses atravessamentos que o fazer docente foi se delineando, ganhando forma, em um vivenciamento da graduação, onde pude perceber quais as experimentações estavam sendo criada, porém, já pensava-se constituir outros modos de viver/sentir a docência-experimentação pela obra da arte na



estética da existência.

Viver a vida de formas belas e éticas possíveis. Aprender a(o) viver de formas belas e éticas possíveis. Experimentar a vida cotidianamente. Experimentar a docência como obra de arte. Viver e aprender a manejar as imprevisibilidades de existir, de habitar o mundo, de se situar em tempos e espaços cambiantes e tantas vezes arenosos, de ser atravessado por conflitos, de ensaiar modos de seguir. (Sale, 2024, p. 3).

Em meio às divergências da vida, a formação/docência chamava, entregar trabalhos em dia, estágio I, II e II, além de cuidar da minha filha, pois as doenças temporais não as escolhem, elas vêm. Mas nada que não pudesse ser recuperado em duas madrugadas em claro para a realização da escrita de trabalhos e TCC.

Vejo que nós mulheres, mães, filhas, esposas nos dividimos em mil se necessário para alcançar nossos sonhos, nossos objetivos na busca por uma vida digna, sem transpassar os afetos que mobilizam nossas vidas.

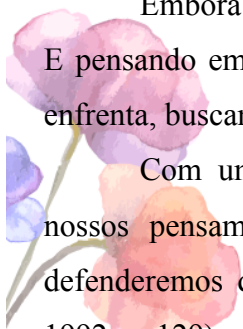
Até aqui falei bem mais da vida, se fez necessário para então eu falar do sabor da autobiografia, esse vem uma perspectiva da Filosofia da Diferença, trazendo nuances de sabores que transbordam igual às panelas como leite fervente, responsável por liberar uma vida-escolar, acadêmica. Se faz necessário sentir o **sabor amargo da verdade**, o qual representa os momentos de introspecção, reflexão cruciais para o crescimento pessoal e profissional, evoca as dificuldades, perdas e decepções.

Embora às vezes difícil de digerir, o amargo também traz crescimento e resiliência. E pensando em uma guerreira sensível que não foge das dificuldades; ao contrário, ela as enfrenta, buscando aprender com cada experiência.

Com uma escrita baseada na escrita de si em Foucault na qual “escrevendo os nossos pensamentos como se os tivéssemos de comunicar mutuamente, melhor nos defenderemos dos pensamentos impuros por vergonha de termos conhecidos” (Foucault, 1992, p. 129).

Desse modo, constituiu-se receitas que passaram a ser usadas ainda em minha jornada escolar nas vivências desse ambiente que dura anos, troca-se de professor(es), de escola, de diretora, muitas são as modificações que perpassam esse momento da vida escolar. Para essa escrita de si, (re)escreverei (des)receitas criadas no Ensino de Ciências, em especial nas experimentações vivenciadas.

Entendo que a experimentação seja a “confirmação da verdade da ciência” para alguns professores, segundo Paraíso, (2021, p. 29) “Não existe a “verdade”, mas sim,



“regimes de verdade”, isto é, discursos que funcionam na sociedade como “verdadeiros” e que são utilizados para aprendizagens levando em consideração os discursos construídos.” essas ditas verdades são postos para os alunos no período escolar, (re)passado durante anos como a única veracidade, sobre tal, muito disso quando se trata do ensino de ciências passa pelas experimentações.

Ao falar experimentação, logo pensa-se em laboratórios, em profissionais qualificados na utilização dos mesmos. Isso perdurou por muitos anos, inclusive, muitas escolas particulares, utilizaram imagens laboratoriais como propaganda e atrativo, passando a imagem de qualidade de ensino.

Olhando de perto essa realidade, é possível notar que essa prática pedagógica de aulas experimentais, era usada como validação de teorias e estratégias motivacionais na busca de entender conceito científico, uma verdadeira transmissão-recepção de roteiros.

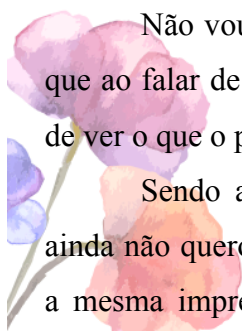
Esse tipo de ensino, não permitia que o aluno explorasse a curiosidade e o instinto investigativo. Dentro dessa perspectiva o erro não tinha vez. Já que não haveria tempo para possíveis reflexões e/ou checagens. Por esse motivo, as experimentações são utilizadas como verificação de aprendizagem.

A proliferação de projetos e propostas curriculares para o ensino de ciências, foi dada segundo a educação e influência política, econômica e cultural, na produção dessa “verdade” dos fenômenos naturais, dando o ar de superioridade no avanço científico. Os professores, por sua vez, deviam dominar esses conteúdos.

Não vou negar, acreditava tanto na experimentação como comprovação de verdade que ao falar de experimentação no ensino de ciências, já sentia um doce sabor de aventura, de ver o que o professor falou se “materializar” ali bem na minha frente.

Sendo assim, o momento de reflexão, criticidade, discussão não entra em cena, ainda não quero chegar nesse ponto, o fato é que passei por todas as fases do ensino tendo a mesma impressão. Cheguei à universidade com a expectativa de vivenciar e conhecer novos modos de experienciar, e assim foi em minha trajetória acadêmica: tentei aproveitar tudo o que ela estava me proporcionando. Ao chegar à universidade estava com receitas-experimentações pronta para enfrentar as disciplinas que tratavam de Ensino de Ciências, a expectativa era a melhor, pois já esperava aprender para ensinar as experimentações.

Deparei com a disciplina de “Educação e Saúde”, possibilitando as discussões sobre o corpo no Ensino de Ciências, cursei posteriormente a disciplina de “Educação Ambiental”, muitas discussões permearam essa matéria, pois quando se fala de meio



ambiente se tem a discutir com os estudantes. Experimentamos através dos espaços não-formais, do uso de ferramentas proporcionadas pelo meio ambiente como flores, folhas, carvão vegetal, terra. Esses tipos de experimentos me marcaram, e ainda discutindo criticamente todos os espaços visitados.

Em meio a pandemia e por meio de aulas online, eu conseguia sentir o sabor de um Ensino de Ciências distante e frio, iniciei a disciplina de Ciências da Natureza na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, nas quais conhecemos conteúdos básicos para o Ensino de Ciências Naturais como: o ambiente e os seres vivos, água, ar, solo entre outros, buscando compreender a natureza como todo dinâmico, sendo o ser humano parte integrante e agente de transformação do mundo em que vive produção de metodologias ativas.

Os sons de ambulâncias, sirenes de carros fúnebres, o silêncio do medo, barulho do vírus, o mito chá de jambu de sabor amargo, ardente e amortecedor, segundo a população, através das suas experimentações-vida, ajudava a curar do coronavírus.

Enquanto, nós, estudantes eram proporcionadas experimentações, dentre eles a observação do solo ao redor da residência, experimentação estava diferente do que se imaginava e “ao mesclar as etapas da vida monta e desmonta alguém que nunca se completa e (re)vive os mesmos conflitos em diferentes fases, porém a forma de relacionar-se com o mundo não é a mesma” (Campos, Chaves, 2016, p. 171).

No grupo Vidar em in-tensões foi onde aconteceu meu encontro com a filosofia da diferença e com as professoras que coordenam o grupo, elas são um trio, são uma composição da diferença.

Vidar da Diferença

Mônica Costa tem **SABOR DE ALEGRIA**,

seu sorriso que acolhe a distância,

seus cachos dourados feito o sol,

essa mulher é vibrante,

ilumina onde chega,

ela é arte, é poesia,

é amiga, inteligente,

brincalhona e amável,

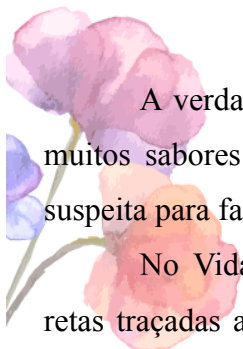
guerreira do sensível

e inspira quem está ao seu redor.



Caroline Barroncas,
mas conhecida como CAROL,
tem **SABOR DE TERNURA**,
ela é acolhimento puro,
a voz de calma,
doce nas palavras,
é tímida, porém observadora,
ela é do tipo que fala com os olhos.

Monica Aikawa, tem **SABOR DE INVENÇÃO**,
me aceitou pelo WhatsApp,
seus olhos puxados de Amazona-Japonesa,
me acolheu e me segurou pelas mãos nos caminhos da graduação,
ela é direta e elegante,
sincera e sensível,
é artista-arteira, ela é potência de inventar,
da criação, dedicada,
ela cria e se reinventa,
e se alegra nos desvios.



A verdade é que esse trio se completa e nos completa, com alegria, amor, carinho e muitos sabores que permeiam nossos encontros do grupo de estudo, a verdade que sou suspeita para falar do VIDAR, minha família do Amazonas.

No Vidar conheci o entrelugar, rompi fronteiras da experimentação, borrei linhas retas traçadas ao longo da vida, ainda vejo marcas, que estão sendo coloridas como tinta aquarela que se espalham sem limite. No vidar as multiplicidades e conexões extrassas leituras para territórios pouco desbravados pela ciência, intensificando as relações com a arte, pulsando afetos e afetamentos não acessados, através das experimentações.

O sabor aqui experimentado é o **sabor vidar**, da criatividade, que estimula e é inesperado. Permitindo que encontre soluções inovadoras para os desafios da vida e da educação, mantendo-se sempre aberta a novas ideias e experiências. Simboliza a crítica, o questionamento e a transformação. É o sabor da renovação, que desperta novas

perspectivas e possibilidades.

Ao iniciar a nova disciplina de Metodologia do ensino/aprendizagem das Ciências da Natureza, na qual discutimos sobre a epistemologia da Ciência e a relação com a história da Ciência, agora, envolvidos com o contexto de pandemia que estávamos vivendo, lendo sobre a importância do Ensino de Ciência.

Mas nessa disciplina também se realizou a experimentação como comprovação de verdade, aqui fiz uma atividade sobre a erupção do solo. “A noção de memória ali implicada era a de reminiscência, evocação e registro de experiências vividas, desdobradas e refletidas, geralmente de forma inconsciente, no presente da docência.” (Chaves, 2016, p. 143).

Todas essas supostas verdades foram sendo ensinadas ao longo da minha formação acadêmica e escolar, formatando o meu entendimento sobre experimentação para a ideia de testar ou comprovar uma ciência certa, exata, repetível, foram rompidas, pois as aberturas da armadura me impulsionam a pesquisa “levando em consideração que todos os discursos, incluindo aqueles que são objeto de nossa análise e o próprio discurso que construímos como resultado de nossas investigações são parte de uma luta para construir as próprias versões de experiências vividas, desdobradas e refletidas, geralmente de forma inconsciente, no presente da docência.” (Chaves, 2016, p. 143).

Os processos de subjetivação³ vão ao encontro com as relações de poder⁴, pois há a necessidade de reinventar modos de interrogar, formas de descrever-analisar e formas de exercitar a ética na pesquisa, dimensões estas que, nas perspectivas aqui trabalhadas, são indissociáveis.

O que explica os pensamentos explorados a partir de diferentes modos de analisar a subjetividade, criando a possibilidade de me (re)inventar, de fabricar princípios ético-políticos, discussões sociais, culturais, educacionais, além de compreender atividades cotidianas que nos movimentam na busca do novo, na invenção de si, através de

³ Neste trabalho, entendemos processos de subjetivação a partir de Foucault. O autor afirma que a subjetividade é sempre produzida, ou seja, ela não é nem origem nem inerente à natureza humana. Ao pensar subjetividade em Foucault abandonamos a ideia da necessidade de identificação da origem, do ponto de partida da constituição da pessoa e, passamos a entender como um processo que está de acordo com a configuração social e histórica em que se encontra situado. Esse pressuposto destaca que a subjetivação não tem um fim ou um começo, mas é fabricada de forma contínua e processual por aparatos discursivos construídos historicamente. (Costa; Chaves, 2017).

⁴ Na mesma linha, me alinho a Foucault para explicar sobre o poder: “o poder, isto não existe. Eu quero dizer isto: a ideia que há, um lugar qualquer, ou emanado de um ponto qualquer, algo que é um poder, (tal ideia) parece-me descansar sobre uma análise falseada”. (2001, p. 141). Uma ideia produtiva dele, um poder que estimula a produção de discursos e práticas: trata-se da análise das relações de poder em seu caráter produtor de realidades.

experimentações e imersões em outros modos de viver no Ensino de Ciências. “Na autobiografia, deixa-se aparecer posições de sujeito que se ocupa no cotidiano, criando um modo de (re)contar coisas que ficaram no passado, que naquele instante se torna presente e o futuro como a possibilidade de (re)invenção de um sujeito que se completa.” (Chaves; Campo, 2016, p. 47-48).

Toda essa experiência vivida no ensino de ciências, foi em meio a pandemia, após isso passar, gradualmente fomos retornando as atividades presenciais, e aí a cozinha-experimentação ganhou força novamente, principalmente no nosso grupo de estudo, os encontros eram sempre repletos de muitos sabores, de rupturas, de experimentações, de multiplicidade e de devir.

Nessa (des)receitas, que ora era doce, ora amarga ou com um leve, ou forte amargo fez com que surgisse novos modos de experimentar, ocupando-me do que já conheço e o já produzido para (re)significar e percorrer outros caminhos, de modo a fabricar artefatos que inspire novas experimentações na educação e no currículo.

Se (des)receitar para pensar as experimentações no ensino de ciências como o fazer pedagógico que acontece pela arte, pelos afetos, pela ética, pela criação e pela necessidade de inventar uma ciência, que seja possibilitada a qualquer hora, partindo de diferentes ideias, momentos e múltiplos modos do fazer docente, movimentando a relação com si mesma e conseqüentemente com o outro.

É pensando nesse amor que tenho pelo ato de cozinhar e inspirar movimentos, realizei na turma da disciplina de AUTOBIOGRAFIA, realizada no programa de pós-graduação no Ensino de Ciências da Universidade do Estado do Amazonas, uma experimentação de (des)receitar o si da guerreira do sensível, a partir da estética da existência, na vida como obra de arte, onde obtive como resultado o olhar para si, medindo os ingredientes que materializam a sua docência-vida, onde os encontros são como um realçador de sabor.

“A parrhesia consiste em dizer sem disfarce, sem cobertura, sem proteção, sem máscara aquilo que se pensa ser verdadeiro. Há nisso um certo risco.” (*A Coragem da Verdade*, 2011, p. 14), na busca em dizer a verdade e as formas de produção dessas verdades, desvendadas na sociedade moderna, pensando a ideia de autobiografia, de pesquisa, de ensino de ciências, onde não há pretensão de seguir verdades reguladas, seja por instituições, ciência, mídia e Estado.

A ideia de usar receitas da minha mãe como disparo para pensar esses modos de ensino-vida, já estava instaurado, quando fui convidada a participar da disciplina curar o si,

na turma de mestrado 2024. Ali, o (des)receitar foi pensado como forma de resistência a modos de vida imposto, nos livramentos da ideia tradicional de ensino de ciências, realizando isso criativamente, autônoma e com práticas de liberdade.

O sujeito proposto por Foucault não é aquele fabricado e depositados de saberes e poderes, mas sim aquele que se constrói a partir do conhecimento de si, se liberta de suas defesas, se modificando a todo momento como uma obra de arte inacabada. Para possibilitar esse desprendimento das conformidades socialmente exigidas, exige-se coragem para destruir indícios e ser artista de modos de vida, repensando o poder e propondo uma ética onde as escolhas vivenciadas individualmente ou em grupo, se preocupam em praticar novos estilos, “Essa ética-estética do governo de si é, assim, totalmente contrária à imposição de um modelo único.” (Silvia, 2011 p.69), buscando construir vivências múltiplas que reinventam prazeres no conhecimento de si.

E é a partir dessas ideias da estética da existência que segue abaixo a minha (des)receita:

(Des)receita de uma Guerreira do sensível

Capturada por Manoel de Barros, que seguiu inventando ou mentindo, minhas receitas geralMENTE não precisam ser seguidas à risca para dar bom;

Essa que trago hoje, torceu todas as ideias, proporções, ingredientes, ordem, para sua invenção.

Algumas medidas foram aumentadas, outras diminuídas, outras retiradas, outras misturadas...

É experimentando (de)vagar que fui (des)naturalizada, estranhando, (des)formando, (des)congelando e, inventando uma mulher, professora, mãe, pesquisadora, filha, orientanda que pesquisa ciências.

Então vamos lá:⁵

⁵ Imagem (des)receita de si, autora, Furtado, 2025.



Muitas unidades de coragem



2 xícaras transbordando de arte e educações
(de qualquer marca)

Farelos de alegria, força,
sensibilidade de outras mulheres



Muitos mais muitos, encontros
com o Vidar



Raspas de dúvidas

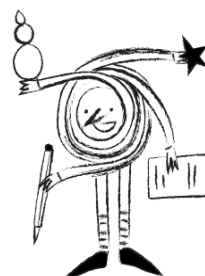
1/2 xícara de desejo (ou seria
uma, ou seriam muitas?)

Pitadas de uma professora-artista
em estado experimental

3 colheres de criação



Para fermentação-1 colher de
pós-crítica



Coloquei tudo numa (des)forma da experimentação, pagodei, rodopiei,
desviei, permitir transbordar os limites de vasilha que quis me (en)formar,
(en)quadrar, enrijecer, deixei sentir a potência e inaugurei uma vida-sabor.

“Sabor Rosa Vida” é uma expressão que evoca um sentimento de doçura e otimismo no dia a dia. “Rosa” é frequentemente associado a sentimentos de amor, ternura e esperança, enquanto “sabor” sugere uma experiência sensorial que vai além do visual, implicando que a vida deve ser saboreada plenamente. Num mundo onde as rotinas diárias podem torna-se monótonas, adotar uma abordagem “rosa” da vida pode significar encontrar alegria nas pequenas coisas, apreciar os momentos de felicidade e manter uma atitude positiva mesmo diante dos desafios. Este conceito convida-nos a viver com a mente aberta, aproveitando cada momento como presente precioso.

Mais do que me mobilizar com essa (des)receitar, pretendo que essa alcance corpo ainda não alcançado e vibre, rodopie e extravase, possibilitando experimentar novos modos de se ver como potência de vida. Dizer a verdade sobre si mesmo, colocando à mesa as argumentações, possibilitando meditar e constituir-se. Explorando possibilidades de pensamento, indo além dos conceitos estabelecidos, (des)fixando as ideias fixa e criando e inventando ⁶ Experimentações possíveis.

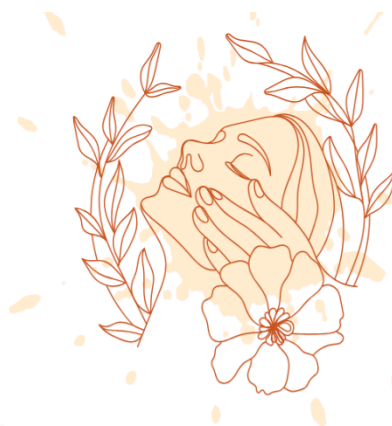


⁶ (des)receita mulher de sonhos, Autora Baunilha, 2024. (nome fictício).

Mulher de sonhos

Ingredientes

Porções de vontade



Doses de Coragem



Alegria e tristeza a gosto



O que é indispensável:
Sonhos, múltiplos e
variados!

Muitos punhados de pós-crítica,
(des)construir é preciso.

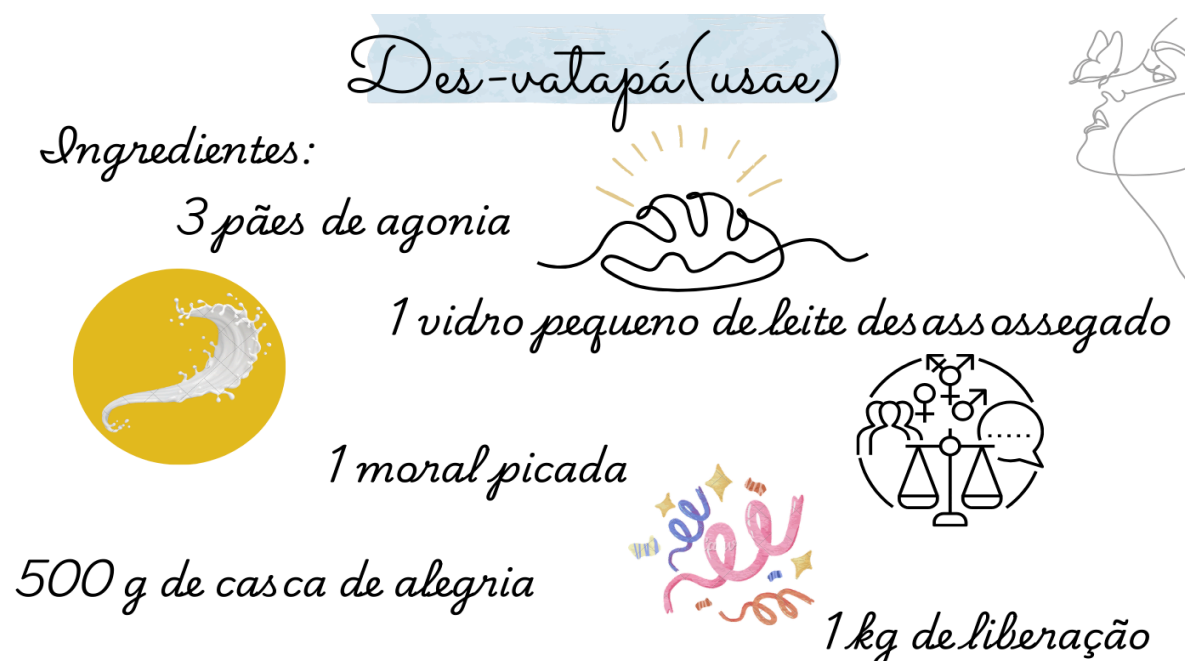
O que não pode faltar: Vida, muita
vida, fissuras e brechas para lucidar a
alma e para fazer fluir o brilho do
sol...

Modo de fazer: Misture os
ingredientes no recipiente de sua
preferência. Consumir durante
o dia ou a noite, de acordo com a
sua necessidade!

A pós-crítica aparece como ingrediente principal nessas (des)receitas vidas por estar relacionada a força que essa perspectiva rompe por entre o que se acredita. Rompe o

comum, intensifica a criação, o novo. Os sonhos são disparadores para busca de uma ⁷filosofia de multiplicidade e intensidade.

(Des)vatapá(usar) é um convite à pausa, em meio a agonia, é o sentir brisas e cheiros de ambientes suaves e alegres, é a partir da ética e da moral dar lugar ao novo, as



Modo de preparo

Inicie convocando a pausa.

Conecte um som aliado a um cheiro que crie um ambiente de quem senti a brisa em dias de calor e coloca um riso em nosso rosto.

Após, amasse com as mãos os 3 pães de agonia em uma bacia com água. Sinta o desmoronar do pão e seu amolecer diante a água e o calor de suas mãos.

Bata os 500 g de casca de alegria com leite da ética.

E despeje na bacia com pão da agonia, é esta mistura que dará o sabor do des-vatapá(usar).

Depois, refogue a moral picada com 1kg de liberação e outras encantarias que darão cor e sonho.

Leve ao fogo a mistura do pão da agonia descansando no leite da ética e a casca da alegria e cozinhe em fogo brando por tempo indeterminado.

Finalize juntando o cozimento com o refogado da moral e salpique arte para servir.

Bom Apetiti!



⁷ (Des)receita (des)vatapá(usar), autora Barroncas, 2024.

subjetivações do sujeito, a partir da sua própria autonomia, se encorajando a se reinventar.

8

A mulher solar é a interação entre a vida e arte, é a relação do sujeito consigo mesmo e com o outro. Fundindo a construção da vida como obra de arte, no corpo, os

Ingredientes:

*Raspas de sol, calor, temperatura alta,
máxima e forte;*



*1 grande proporção de alegria, risos,
encantos, barulhos e gritos;*

*1/2 xícara de decotes, costa nua, alças finas,
vestidos curtos e pés no chão;*



*1 pacote de pesquisas vivas, inaugurais,
desejantes e pulsantes;*

*Quilos de professorar, orientar, pesquisar,
afetar, amigadear, sonhar, acontecimentar;*



Modo de (des)fazer:

*Uma colher de sopa de Barroncas e Aikawa, colheres
de chá de Franco, Silva, Lima, Tavares e Javier,
colocar todos os ingredientes na vida, pular, dançar,
correr, girar até irromper uma nova vida.*



⁸ (Des)receita Mulher Solar, Autora Costa, 2024.

sentimentos e paixões compõem o vínculo moderno e necessário na relação filosofia-arte.

A disciplina de Autobiografia, desenvolvida de forma inventiva pela ideia de curar o si, foi como cozinhar para a família em um dia de domingo que você espera a todos para se deliciar com um belo almoço. Pensar na (des)receita, como mostrar que a partir da estética da existência e realizar a produção de uma receita e para isso foi necessário (des)receitar uma receita tradicional. Então, fiz uma sobremesa de creme de tapioca, feita em sala diante de todos, enquanto declamava minha própria (des)receita, incentivando a todos na sua produção, foi uma aula leve onde cada um pode ser artista de si.

Essas experimentações, que são pensadas a partir das ferramentas de Foucault, pois vivemos em uma sociedade em que somos capturados através dos discursos de poder a pensar e agir de tal modo, a partir do olhar da vida como obra de arte é que criamos e (re)existimos as formas de educar e experimentar, proliferando as multiplicidades de invenções possíveis para o ensino, assim como na cozinha, onde é possibilitado adicionar, tirar, criar, (re)criar, para se (des)fazer para se (re)fazer precisa conhecer e habitar novos modo de ser/estar no mundo, mas de toda forma sabemos que “Cozinhar não é um serviço[...] Cozinhar é um modo de amar os outros” - Mia Couto - A avó, a cidade e o semáforo.





As festas

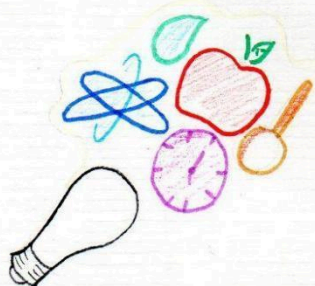
EXPERIMENTAÇÃO -

INVENÇÃO

9 de uma



PREPARAR A
do sensível
GULANALINA



3 - Modo de preparo

Faz da tua casa uma festa!
Ouve música, canta, dança...
Faz da tua casa um templo!
Reza, ora, medita, pede, agradece...
Faz da tua casa uma escola!
Lê, escreve, desenha, pinta, estuda, aprende, ensina...
Faz da tua casa uma loja!
Limpa, arruma, organiza, decora, muda de lugar, separa para doar...
Faz da tua casa um restaurante!
Cozinha, prova, cria, cultiva, planta...
Enfim...
Faz da tua casa
Um local criativo de amor.
Faz da tua casa uma festa -Cora Coralina

A vida é uma longa festa, ora muito animada, cheia de sabores, amores, flores, cores, ora sem graça, calma, pacata e tão silenciosa que causa até surdez. Na academia em busca de chegar em um lugar festivo e de se constituir guerreira do sensível, utilizo como modo de constituição a autobiografia enquanto escrita de si e da invenção de si que é como uma fabricação de uma vida com o intuito de dar visibilidades para outras existências femininas e menores.

O que é uma festa? É um evento que marca a vida de alguma forma, é experimentar sem roteiro, é se deixar sentir, imaginar, inventar e mergulhar no que está sendo proposto. É a constituição de poetas e poetisas, de artes e artistas, de sons e silêncios, de folhas em branco e pinturas extravasadas, é rasgar e se rasgar-se diante das descobertas, dos mergulhos infinitos por filósofos e escritos.



Saber Viver - Cora Coralina

Não sei...
se a vida é curta
ou longa demais para nós.
Mas sei que nada do que vivemos
tem sentido,
se não tocarmos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:
colo que acolhe,
braço que envolve,
palavra que conforta,

silêncio que respeita,
alegria que contagia,
lágrima que corre,
olhar que sacia,
amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo:
é o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela
não seja nem curta,
nem longa demais,
mas que seja intensa,
verdadeira e pura...
enquanto durar.

Nessa reflexão da doceira poetiza Cora Coralina, o qual possibilita pensar/refletir sobre a vida, a sabedoria e as decisões ao longo da vida e o quanto a conexão com as pessoas e com o coletivo, é importante para tornar a vida uma festa.

Toda família em algum momento da vida realiza várias festas como manifestação de amor, carinho, amizade, alegria e confraternização, segundo Ferreira (2010, p. 347) Festa é uma “Reunião alegre para fim de divertimento. Solenidade comemoração. Festividade religiosa. Regozijo, alegria.” e é dessa forma que trago a minha experimentação-vida, para se alegrar no ensino de ciências, potencializando os modos de experimentar.

Trarei um evento, o qual acontece o ensino de ciências para falar das festas em uma perspectiva dito “tradicional”, e se tem uma que não esqueço são as feira-culturais ou feira de ciências que participei na escola, essas ficaram marcadas, tinham como objetivo, incentivar a produção, observação e técnicas que possibilitem as práticas de atividades laboratoriais, desempenhando um papel importante na aprendizagem, possibilitando a verificação de fenômenos físicos acumulados historicamente, Limberger; Brandolt; Bertoglio (2016).

Permitindo aos estudantes vivenciar práticas que possibilite a compreensão dos fenômenos, tornando os assuntos teóricos menos massacrantes, e despertando interessante, a partir das experimentações desenvolvidas, oportunizando ainda os alunos a se

envolverem em sua própria pesquisa científica, agregando experiências interdisciplinares e a divulgação científica através da exposição na feira de ciências, Hipolito; Gomes; Souza; Mauriz (2024).

Todas as informações expostas nas feiras podem gerar certa curiosidade em outros estudantes, promovendo a disseminação e incentivo a pesquisa e experimentação, potencializando a aprendizagem considerável em diversos assuntos. E ainda levar o aluno a descobrir e (re)descobrir as ideias e criar estratégias na construção de aprendizagens, supor e explicar o processo de investigação.

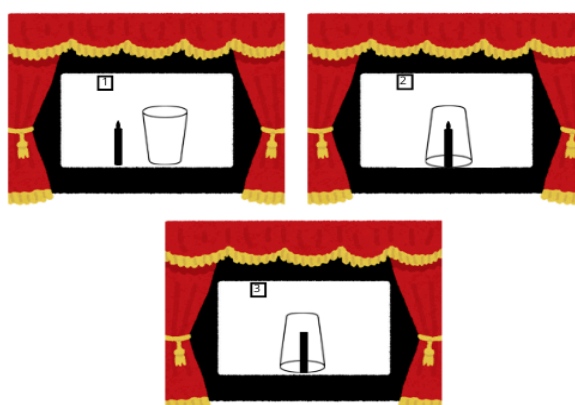
Ao falar da formação continuada de professores, o assunto experimentação desperta interesse por entenderem que a partir dessa metodologia de ensino, é possível tornar as aulas variada, e por vezes a teoria é negligenciada, assim como, as discussões teóricas e conceituais.

As ideias de experimentação foram baseadas no conhecimento empírico, podendo ser obtidas pela razão e experiência. Conforme esses estudos foram avançando percebeu-se que não seria possível alcançar uma verdade confiável, somente com palavras, pois o indivíduo necessitaria de algo mais concreto para ocorrer a aprendizagem.

A experimentação já foi duramente criticada pelos modelos de ensino ditos tradicionais, mas passou a fazer parte desse modelo, porém utilizada para provar teorias, desconsiderando contextualização e conhecimento prévio do aluno. Para Silva; Lima (2020, p. 166) “a experimentação só tem valor pedagógico quando gera um desequilíbrio e transformações estrutural na cognição do aluno, caso isso não aconteça, não passará de um passatempo sem sentido educacional”.



Figura 3 - Experimentação da vela



Fonte: Autora, 2024.

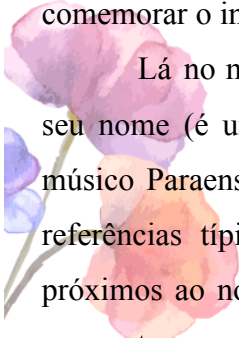
Na figura acima, vemos o experimento da vela, comum nos livros didáticos no final

da década de 90, época em que eu estudava no ensino fundamental, porém realizei essa experimentação na Inserção Social, realizada na turma de graduação na Universidade do Estado do Amazonas.

Nesse episódio fizemos como se fosse um teatro de sombras, com uma vela e um copo, realizamos o experimento. Na figura 1, acendemos a vela, após a combustão, cobrimos a vela com o copo, a mesma continua acessar, por ainda conter uma porção de oxigênio no copo, após consumir todo O_2 , a vela se apaga.

Esse tipo de experimentação traz para a aula uma forma de ensinar ciências a partir da observação e confirmação, somente isso. As discussões e problematizações sobre a temática abordada não acontecem. Tirando a possibilidade de problematizar, questionar, enriquecendo o ensino-aprendizagem e auxiliando na construção dos conhecimentos no ensino de ciências, Silva; Lima (2020), essas incompletudes que me fizeram refletir sobre os modos como as experimentações estão acontecendo ao longo dos anos.

Seguindo essa trajetória de vida-estudante falarei da festa que foi a minha entrada na universidade. Sempre sonhei em poder estudar em uma universidade pública, por alguns anos tentei várias vezes vestibulares em Belém (sem êxito), vim para Manaus, trabalhei dois anos como técnica de segurança no trabalho, nos dois principais porto privados de cargas e descargas do Amazonas, ao sair da empresa resolvi fazer a prova da UEA, naquele momento seria um “teste” para o próximo ano. Fui abençoada e conseguir a tão sonhada vaga, para minha sorte e da família, estava em Belém e lá temos uma maneira diferente de comemorar o ingresso acadêmico.



Lá no meu estado, o resultado do vestibular sai na rádio e todo calouro quer ouvir seu nome (é uma tradição), e a comemoração tem como base uma música do Pinduca, músico Paraense conhecido como Rei do carimbó estilizado, ritmo paraense que mistura referências típicas América Central, das Guianas e Suriname, países fronteiriços e/ou próximos ao norte do Brasil, a música MARCHA DO VESTIBULAR, lançada em 1974, segue atemporal, Wikipédia (2024).

Comemorar em família foi ótimo, muitas eram as expectativas para essa nova jornada acadêmica, aprender a aprender, aprender a ensinar, essa seria a experimentação da vida. E na expectativa de vivenciar o curso de Licenciatura festejei, comemorei e no ensino de ciências experienciei. Foi nesse contamento da vida que passei a refletir sobre o Ensino de Ciências e as experimentações vividas por anos durante o período escolar que eram vistas como comprovação de teorias verdadeiras, partindo do conhecido para a confirmação de uma hipótese, abrindo novos campos de estudo e experimento, segundo

Vinci (2018). Considero importante refletir sobre o Ensino de Ciências, o qual está para problematizar sobre os conhecimentos relacionados aos fatos ditos naturais, de tudo o que acontece no mundo e se relaciona às discussões de cunho político, social, cultural, além de servir como base para novos questionamentos. (CHAVES, 2007). Quando se trata de experimentar o Ensino de Ciências, há uma série de regras que devem ser executadas como: “Observar e analisar o fenômeno segundo um método preciso e rigoroso, previamente estabelecido, caso queira garantir a confiabilidade de seu experimento.” (Vinci, 2018, p. 324) ou seja, experimentar é a interpretação prática de certo conceito que se está estudando.

Nos componentes curriculares no curso de Licenciatura em Pedagogia, ouvimos que temos que ensinar não somente os temas prescritos no que comumente se nomeia de currículo, mas principalmente, potencializarmos o pensar, questionar, discutir, pesquisar, experienciar.

Especialmente nos componentes Ciências Naturais na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, lembro que o foco são as explorações dos temas, nas habilidades esperadas conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Penso que o movimento seja encontrar contento, nas quais possibilite que uma ciência mais viva e potente se espalhe feito confete na escola de Educação Básica.

Ainda no PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, realizamos atividades que abordavam temas do ensino de ciências, mas foi explorado apenas o tema, sem problematizar, e instigar o aluno a analisar criticamente sobre o assunto. É fato que nesse momento ainda não havia passado pela disciplina de metodologia do ensino de ciências. Períodos depois, percebo a importância de potencializar a pensar, problematizar, criticar e refletir sobre o ensino.

Considero importante destacar algumas ferramentas utilizadas nessa linha de entendimento da experimentação, pois são palavras que materializam a rigidez presente na perspectiva. Começo pontuando a palavra **ensino** que segundo o dicionário Aulete digital (2023, p. 15) significa “Ação, resultado ou processo de ensinar, de transmitir conhecimentos; conjunto de métodos e técnicas utilizados nesse processo; professorado, magistério.” É o modo de passar conhecimento ao outro. Muitas vezes as ferramentas quando combinadas se fortalecem, por isso, trago também a palavra Ciência que segundo em seu dicionário de filosofia, ciência é o “conhecimento que inclua, em qualquer forma ou medida, uma garantia da própria validade” (Abbagnano, 2007, p. 136), é construído para explicar racionalmente e objetivamente a realidade e os conhecimentos de mundo.

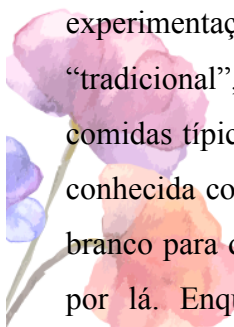
Para alegrar ainda mais essa festa, busquei pelo significado da palavra, *experimentação* no dicionário digital Aulete (2023, p.16) significa a “1. Ação ou resultado de experimentar 2. Experiência, (esp. Científica) que, a partir de uma hipótese, busca observar e classificar determinado fenômeno em condições controladas”, essas ações são geralmente desenvolvidas no ambiente escolar como forma de retomar o que foi aprendido sobre o assunto trabalhado, mas na filosofia da diferença, os novos modos de experimentar nos alegram e fortalecem outros olhares sobre a ciência.

Vivenciei duas disciplinas na formação inicial: ciências da natureza na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental e Metodologia do ensino/aprendizagem das ciências da natureza que envolveu o Ensino de Ciências na Pedagogia, outras também trataram de assuntos no campo da Ciência, mas o que trago aqui é a forma, a dinâmica empregada no trabalho com as Ciências Naturais, isso ficou marcado.

Ao que parece nos é apresentado o que deve ser estudado e como devemos ensinar esses conteúdos. Essa fragmentação de disciplinas deixa lacunas que não nos permitem refletir do nosso modo de existir nessa docência. E o cuidado de si, “Longe de inculcar no sujeito habilidades técnicas ou profissionais, trata-se de prepará-lo de modo a suportar eventuais acidentes, infelicidades e desgraças que lhe possam ocorrer” (Candiotto, 2008, p. 93). No ensino de ciências há necessidade de ver e viver fenômenos onde possamos refletir, questionar e problematizar, olhando para nós e para o outro.

Pensando em festas das tantas que já marcaram minha vida e falando sobre experimentação, destaco os meus 15 anos, foi uma experiência jamais esquecida, do tipo “tradicional”, bolo de 4 andares branco, decorado com flores de açúcar na cor lilás, comidas típicas de Belém, sobremesa duas tortas bem grandes de cupuaçu, popularmente conhecida como Maria Isabel e outra de chocolate conhecida como nega maluca, vestido branco para dançar valsa com meu pai, irmãos e familiares às 00:00, assim são as festas por lá. Enquanto na experimentação também há dispersão dessa demonstração da confirmação da Ciência que vem se firmando ao longo dos anos, isso porque, podemos dizer que o mesmo é um fenômeno social, que está concretizado através da linguagem e essa está ligada a uma subjetividade ou ao social, onde se organiza o que pode e/ou quer ser dito em sociedade.

Dentro desse discurso de verdadeiro ou falso, o revestimento de poder e submissão era dominado por direito àquele que regia o discurso, esse segundo Bernardes (2004, p. 248) eram “Discurso com suporte institucionalizado através da prática pedagógica, dos sistemas de publicação, da dinamização das bibliotecas, criando,

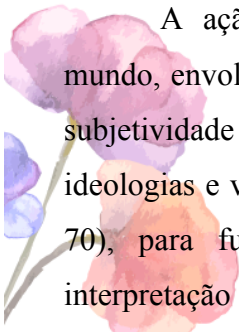


portanto, um sistema de valorização material e simbólica que funciona como elemento de exclusão de outras formas de saberes.” Essa exclusão de saberes, marcava ainda mais a verdade do discurso que estava sendo propagada.

Mais essa verdade, exclui de certa forma saberes que o professor, como detentor dessa governabilidade (como mestre) não pratica, nem com si e nem com outro. O conhecedor ti mesmo, permite que a prática de falar a verdade seja colocada em atividade, sem a dissimulação de falar somente o que comprova tal feito, mas de forma que mascare tal feito. Esse “dizer tudo” ele está em assumir certo risco, em se dirigir ao outro a ponto de provocar discussão e até ferir com essa verdade.

Na proposta do PPC – Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia da Escola Normal Superior, “o foco das preocupações está voltado para o conhecimento, análise e compreensão da problemática dos sujeitos com os quais os educadores formados pelo Curso de Pedagogia deverão estar comprometidos.” (2021, p.96).

O documento aponta para uma práxis pedagógica que valoriza as experiências, a criação, a inventividade e tudo isso marcado pelas reflexões científicas e pensamento crítico. Isso está inserido no PPC do curso, pois em um dos seus objetivos específicos busca a valorização das experiências acadêmicas, enfatizando a reflexão-ação, marcando os conhecimentos científicos, buscando compreender os contextos histórico-sociais da sociedade. Além de valorizar a capacidade de desenvolver criatividade e utilizar recursos tecnológicos.



A ação realizada através dessas intervenções produz conhecimentos para o mundo, envolvendo a bagagem de conhecimento que cada indivíduo produz, partindo da subjetividade de cada um “as pessoas constroem sobre o mundo (conhecimentos, ideologias e valores, crenças, habilidades, formas de organização)” (Amazonas, 2021, p. 70), para fundamentar o conhecimento construído é necessário o entendimento, interpretação e reflexão das teorias é importante a valorização da problematização da realidade.

Não é necessário aceitar todo discurso determinado por aquele que ocupa uma posição de poder, há a possibilidade de escolher os adereços, fantasias e lembranças dessa festa experimental. Foucault chama de arquivo aquilo que pode ser dito em determinado período histórico-social, nas relações do discurso, para o autor a aquisição de uma prática deve ser descoberta e não deduzida. É preciso que ao falar a verdade aja uma concordância, na verdade falada, e na ideia de quem disse, essa relação entre os sujeitos é quem permite que o ato da coragem da verdade aconteça.

É muito difícil essa virada de chave quando o assunto é a desconstrução do discurso já enraizado em nós, além de que arriscar conduzir essa fala, viabilizada após o atingimento da consciência de condução para dizer essa verdade.

Durante toda a vida escolar os estudantes são capturados por verdades sobre todas as coisas, com discursos daqueles que por hora dominam o poder de fala, e nos remetem a verdade daquele tempo histórico-social que está vivenciando, exemplo disso, são as experimentações vividas na educação de ensino fundamental (que , achava o máximo), mas vendo agora, percebo que de fato, não havia modos de instigar nos estudantes outro modo de pesquisa, o estranhamento, o entendimento de que a ciência pode ser mais sensível, alegre, potente, muito mais da natureza do criar do que do provar.

Na graduação, ainda esperava também essas experimentações de Ensino de Ciências bem do modo como discutido acima, vindo depois do conteúdo estudado, mas podemos dizer que existem outros modos de olhar essa prática, refletindo, lendo, buscando, problematizando, vale ressaltar que devesse estabelecer os elos entre os enunciados, compreendendo a que poder ele está circulando.

Foi em uma disciplina de Metodologia do Ensino/Aprendizagem das Ciências da Natureza que causou estranheza no modo como a experimentação estava sendo feita naquele momento, considerando que estávamos em pandemia e que alguns modos deveriam ser repensados, mas antes mesmo de realizarmos a experimentação, elaboramos um plano de aula, para demonstrar como a temática será trabalhada em sala de aula. Assim pontuamos uma sequência didática, além da elaboração de diário das aulas supostamente ministradas e finalizando com a realização de experimento como comprovação do assunto que estava sendo estudado.

Escolhi o assunto *solo* para desenvolver minha aula, e no período de pandemia, somente os serviços essenciais estavam funcionando, ou seja, não havia locais em que fosse possível comprar materiais necessários, pensando nisso, e tendo plantas em casa, escolhi o assunto “solo” delimitando para erosão do solo. Sempre gostei de realizar experimentações, desde a minha escola de educação básica do Ensino Fundamental, muitas expectativas eram geradas em torno da experimentação, mas queria fazer isso presencialmente, apesar de não poder realizar a experiência naquele momento foi ótimo.

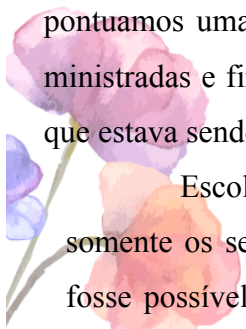


Figura 4 - Experimentação erosão do solo.



Fonte: Autoria própria, 2021

Através dessa experimentação demonstrei como funcionava a erosão do solo e a importância das plantas e árvores para o meio ambiente, essas são realizadas na escola para supostamente despertar o interesse do aluno quanto à disciplina estudada.

Para Paraíso (2004, p. 293), “Uma outra linha perseguida pelas pesquisas pós-críticas constitui-se no questionamento e na problematização de todas as “verdades” educacionais, inclusive daquelas que nos acostumamos a considerar “boas”...” esse tipo de problematização tem suas características próprias de ser “transformadoras” dentro da temática estudada.

No PPC do meu curso, “o foco das preocupações está voltado para o conhecimento, análise e compreensão da problemática dos sujeitos com os quais os educadores formados pelo Curso de Pedagogia deverão estar comprometidos.” (2021, p. 96). O documento aponta para uma práxis pedagógica que valoriza as experiências e tudo isso marcado pelas reflexões científicas e pensamento crítico. Isso está inserido no PPC do curso, pois em um dos seus objetivos específicos busca a valorização das experiências acadêmicas, enfatizando a reflexão- ação, marcando os conhecimentos científicos, buscando compreender os contextos histórico- sociais da sociedade.

A justificativa é de que é necessário valorizar a capacidade de desenvolver a criatividade e utilizar recursos tecnológicos. A ação realizada através dessas intervenções pretende produzir conhecimentos para o mundo, envolvendo a bagagem de conhecimento

que cada indivíduo produz, partindo da subjetividade de cada um, pois se defende que “as pessoas constroem sobre o mundo (conhecimentos, ideologias e valores, crenças, habilidades, formas de organização)” (Amazonas, 2021, p. 70). Nesse sentido, se afirma que para fundamentar o conhecimento construído é necessário o entendimento, interpretação e reflexão das teorias, é importante a valorização da problematização da realidade.

Após toda essa movimentação, todas essas quebras e descobertas que aconteceram sobre experimentação, passei a entender que a experimentação não é a comprovação de uma “verdade absoluta”, ela pode ser constituída por um discurso criado a partir de experiências, para Deleuze a experimentação passa a ser compreendida como “arte das composições” segundo Vinci (2018, p. 325). Isso revisita as “potências caladas da arte, produzindo algo da ordem do impensável e, portanto, disruptivo em relação aos parâmetros estabelecidos. Esse movimento, na verdade, caracteriza o valor da arte.” É necessário experimentar e buscar outras formas de ver e dizer as coisas e que nos forcem a pensar e não reproduzir.

Mas afinal, o que me fez querer pesquisar sobre experimentação? A busca em criar um novo, a diferença, outros modos de ver e dizer o Ensino de Ciências. Isso aconteceu após um movimento vivido na disciplina de Metodologia do Ensino/Aprendizagem das Ciências da Natureza, onde realizamos estudos sobre o ensino de ciências nos documentos legais como, BNCC – Base Nacional Comum Curricular, o Currículo Escolar Municipal – CEM, 2021, além da Proposta Pedagógica Anos Iniciais (2014).

Além de tudo, querer pesquisar sobre experimentação, é experimentar-se e se constituir como guerreira do sensível. É me jogar nessa abordagem intensa de multiplicidade e desafiar as perspectivas tradicionais. O sensível possibilita o nascimento do próprio pensar e da experiência, não a subordinando razão.

O cuidado de si em Foucault (2006), passou a ser festa, a partir do grupo de estudo Vidar em in-tensões. Nos projetos de Iniciações Científicas, alinhados aos estudos do cuidado de si, foi feito um convite para vestir a fantasia da ensinagem. Que ideia de Ciência é essa que nos forma e encaixota? Que ensino de ciências é esse apresentado na licenciatura que não considera a vida, o instante, o encontro? De que modos multiplicar outras formas de experimentação mais sensíveis às gentes e afetos?

É um pouco disso, vemos sujeitos, em lugar de sujeição, emoldurados por estas prescrições, neste caso, das Ciências Naturais. Compreendemos que no ensino de



ciências, olhamos o mundo, suas transformações, nosso lugar na natureza e o cuidado de si nos remete a essa característica de olhar assujeitado de si e de nossos movimentos no mundo.

Partimos de uma perspectiva teórico-metodológica no viés da Filosofia da Diferença e com outros intercessores, como Foucault (1992), com a escrita de si, a qual nos possibilita inventar modos de vida, uma vez “que a escrita tome o lugar dos companheiros de ascese: de tanto enrubescermos por escrever como por sermos vistos, abstenhamo-nos de todo o mau pensamento.”

Utilizamos da ideia do corpo como instrumento para experimentação, inserindo a arte, a busca por sentido, em outros lugares, em outras partes, oferecendo proposta que o faça sair da condição de observador. Utilizar o corpo materializado, corpo do sentir, corpo do ouvir como próprio objeto de criativo e criador de pensamentos, disparando atividades criativas.

Foi a partir dessas experimentações de signos que força a pensar e buscar as verdades que nos habitam e criar outras possibilidades de dizer sobre experimentação, pois para Vinci (2018, p. 328) a experimentação, “nada mais é do que aprender a criar esses mundos outros” e a arte faz isso muito bem.

E criando, inventariando e imaginando uma **festa-experimentação**, e foram muitas: Inserção Social, estudos teóricos-metodológicos do Vidar, as orientações em cafés, a qualificação, aniversários e o círio de Nossa Senhora das Graças, lá em Icoaraci.

Muitas foram as festas que me compuseram, mas escolho iniciar as comemorações falando da miudeza dessa festas-experimentações a qual foi o aniversário de 1 ano da minha filha Arianny, foi uma fenda de alegria, amor e gratidão que resplendeu em meio a um momento em que a docência estava sendo praticada com pequenas aulas de “reforço”, essa festa foi um momento de realização importante para a família, pois o primeiro ano de uma criança é cheio de experimentações-vidas que nos moldam para uma trajetória maior.

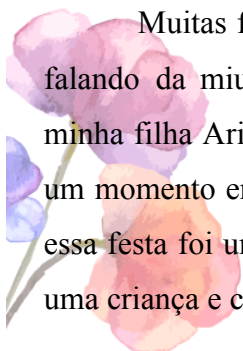


Figura 5 - Aniversário 1 ano Arianny



Fonte: Autoria própria, 2018.

O jardim encantado foi simples, mas feliz, teve muitos, muitos tipos de brigadeiros, um bolo de rosetas na cor rosa, e o mais importante, uma filha feliz que interagiu e brincava com seus muitos primos(as). Foi o primeiro aniversário dela e o único até hoje comemorado com a família em Belém, são essas experimentações do sentir, do ser, do movimento que nos fazem perceber a importância do experimentar, do vivenciar, do criar movimentos possíveis para percepções motivadoras de pensamento reflexivos.

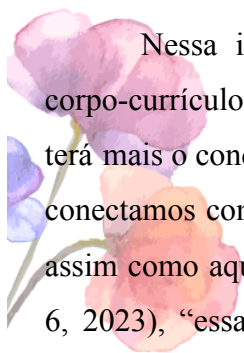
E essa diversidade de festa-experimentação aconteceram nos cafés-orientações, o qual foi propulsor para que após a qualificação, os sabores, festas e afetos ganhassem força, pois nos inspiramos nas conversas sobre a família. Na minha, por exemplo, todos os anos no último domingo do mês de novembro, acontece o Círio de Nossa Senhora das Graças e comemoramos com uma festa cercada de fé, alegria, comidas típicas e confraternização.

Na Inserção Social teve como temática “Experimentações no corpo-curriculo no professorar” onde nos deleitamos na poesia de Manoel de Barros, *Retrato do Artista quando coisa*, para emergir nessa artistagem-acadêmica.

Há um cio vegetal na voz do artista.

**Ele vai ter que envesgar seu idioma ao ponto de alcançar o murmúrio das
águas nas folhas das árvores.**

Não terá mais condão de refletir sobre as coisas.
Mas terá o condão de sê-las.
Não terá mais ideias: terá chuvas, tardes, ventos, passarinhos...
Nos restos de comida onde as moscas governam ele achará solidão.
Será arrancado de dentro dele pelas palavras a tórques.
Sairá entorpecido de haver-se.
Sairá entorpecido e escuro.
Ver sambixuga entorpecida gorda pregada na barriga do cavalo -
Vai menino e fura de canivete a sambixuga: Escorre sangue escuro do
cavalo.
Palavra de um artista tem que escorrer substantivo escuro dele.
Tem que chegar enferma de suas dores, de seus limites, de suas
derrotas.
Ele terá que envesgar seu idioma ao ponto de enxergar no olho de uma
garça
os perfumes do sol.



Nessa inserção, problematizamos as ideias de experimentações que habitam o corpo-curriculo-professorar no ensino de ciências, se inspirando em Manoel, onde “Não terá mais o condão de refletir sobre as coisas. Mas terá o condão de sê-las.” E foi sendo nos conectamos com os sons naturais, sentindo a intensidade da música, nos sentindo natureza, assim como aqueles sons que estavam nos afetando. Segundo Oliveira; Costa; Aikawa (p. 6, 2023), “essas autorizações foram aos poucos permitidas ao passo que se ia borrando alguns contornos com texturas enrijecidos de cientificidade, de verdade, de narrativa, do Eu, de Sujeito e Subjetividade, de história, de tempo, de consciência, de corpo, de Arte, de autoconstituição/autoformação.”

A inserção foi um acontecimento para mim, pois sair da zona de conforto, em prol de tocar em um lugar talvez nunca habitado nos alunos, principalmente quando falamos do ensino de ciências. O que senti ali, ao iniciar o som, foi uma sensação de arrepio com o sentir, ecoar o canto dos pássaros, do cair da água, sentir a Amazônia em cada movimento

realizado e cada um que levantou e se propôs a sentir. Mais um fator interessante foi que quando a sonoridade mudou de um toque suave para um o queimar da floresta, os passos ligeiros do homem, todos paralisaram, o corpo não reconhecia o som como algo de movimento, todos paralisaram e sentaram. Ao finalizar a dinâmica de movimentos corporais chegou a hora de ouvi-los, e se surpreender com as falas, pois estamos falando de uma turma de biologia, onde teorias e pensamentos enraizados foram possivelmente fissurados.

Figura 6 - Experimentação corpo-curriculo



Fonte: Autoria própria, 2025.

E através desse narrar o si, a formação acadêmica que vamos nos (re)criando através da subjetividade, olhando para o si e (re)pensando as pesquisas-vidas, permitindo um olhar mais aguçado, visando a frente, através da observação, meditação, ressignificando a escrita de si na formação docente.

Com o desenvolvimento e o estímulo ao processo investigativo, direcionando ao campo de atuação profissional, legitima-se a formação intelecto-acadêmica e corrobora com a Educação Científica destes sujeitos. A inserção aconteceu, a partir de experimentações, discussões e produção, a partir de experimentações do currículo-corpo na constituição de professora na ENS, afetamentos formativos, sonoros, fotografia/imagem e

na estética da existência, baseado na autobiografia e a formação docente no curso de graduação e pós-graduação, possibilitando o mapeamento desses afetamentos formativos na constituição do professorar em sua pluralidade e multicultural na Educação.

Figura 7 - Experimentando



Fonte: Autoria própria, 2024.

Após a discussão, baseado na experimentação, no que foi sentido, nos discursos amazônicos, nas interpretações. Será “Sairá entorpecido de haver-se. Sairá entorpecido e escuro.” como diria Manoel Barros, sendo entorpecendo-os através do escuro, dos sons, dos vídeos que nos possibilita, dizermos a verdade do sentir em uma experimentação onde o inesperado tornou-se festa que nos movimentou e alegrou para outros modos de pensar.

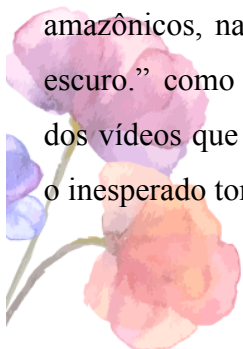


Figura 8 - Produção final



Fonte: Autoria própria, 2024.

Segundo Carvalho; Estevinho (p. 128, 2019), é possível imaginar uma escola festiva com alegria, ao existirem fissuras, as quais dão abertura para afetos e relações que satisfazem estar com o outro, pensando culturas, poesias, brincadeiras e aulas-surpresas. E nessas invenções de um professorar incorporando aspectos do sentir, refletir e pensar em hipóteses desenvolvidas a partir do envolvimento e participação ativa.

Como a guerreira do sensível se constitui diante dessas confrontações? Se desprender do que está fixado? A partir da invenção de si, onde a proposta é olhar para si, e criar/inventar algo novo, disparado ou não de um ponto já existente, entendendo que pode diferenciar de si mesma e transbordar seus próprios limites, materializando essas experimentações “colocando tudo sob suspeita: desde as nossas maneiras de pensar, nossas verdades e certezas até mesmo o martelo com que martelamos a nós mesmos ou a chave de fendas com que torcemos nossas ideias” (Veiga-neto, 2006, p. 84).

As festas-experimentações que compõem a guerreira do sensível, combatem o pensamento cartesiano, linear e dualidade. Ela se multiplica em pulsões de devires curriculares, onde a linguagem escrita se dilui com a corporal, artística e performática. Segundo Oliveira; Costa; Aikawa (p. 19, 2023) “Em meus contornos estéticos,

experimento a estática da existência e tomo a mim mesma como objeto dentro de minha(s) complexidade(s) no hoje. Crio e recio estes lugares estéticos autobiográficos numa ideia de fazer-me em obra de arte. Experimentar o si é um processo de invenção que pulsa no ver, ouvir, sentir, criar, falar e se deixar atravessar nas composições poéticas-corporais-sensíveis.



 Afetos 
que constituem 
 uma 

experimentação
 de uma 
Guerreira
 do
sensível 

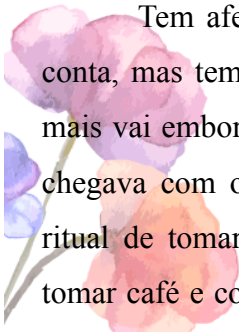
4 - Montagem

Afetos,
Afetamentos,
Abraços,
(des)abraço,
Perto, muito perto,
E infinitamente distante.

Furtado, 2024

Nesse último tópico da dissertação, os afetos que constituem essa guerreira do sensível, aparecerá através dos afetos-experimentações que constituem essa mãe-esposa-filha-amiga-companheira, e toda carga de ancestralidade que permitem hoje eu ser, esse ninho de criação-docente-vida. E sei que lá em cima, já falei de sabores, mas não tenho como falar de afetos sem falar de sabores, festas e amores. Trarei ainda ideias de corpo considerando como a multiplicidade de conceitos se (trans)formaram ao longo dos estudos realizados.

Se inventar, é procurar modos singulares de pensar a experimentação, é dar espaço para intensidades, visibilidades, materialização, movimentações intensas, dando chance a interpretações pela lente da verdade. O falar a verdade é como ajudar a ver, o que é si mesmo, desvelar a desatenção e a coragem de aceitar essa verdade.



Tem afetamentos que chegam e passam tão rápido que por vezes nem nos damos conta, mas tem outros que chegam tão repentinamente, na velocidade da luz e que nunca mais vai embora. As lembranças dos nossos momentos como: do café da manhã quando eu chegava com o pão quentinho, após ter deixado minha filha na escola, ela já estava no ritual de tomar a sua xícara de café puro e assistindo o jornal matinal, sentávamos para tomar café e comer um pãozinho de batata, colocar a conversa em dia e pensar o que seria o almoço, era um dilema, pois cada um queria uma coisa, o comentário da novela no fim de noite, são coisas que parecem pequenas pelo viés do comum, mas são do miúdo dos afetamentos.

E para contemplar essas percepções da guerreira do sensível, trago algumas ideias de experimentação que me afetaram e movimentaram a realizar essa busca e sair do conceito tradicionalmente imposto a nós. É nessa experimentação da vida que me movo a experimentar, a criar, imaginar, viver e (re)viver de outros modos as experimentações no Ensino de Ciências.

Através de minhas anotações e reflexões sobre os movimentos docentes e de vida, saindo da submissão de refletir somente sobre os pensamentos de outros, “a escrita de si mesmo aparece aqui claramente na sua relação de complementaridade com a anacorese: atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível.” (Foucault, 1992, p. 1).

Assim, esse modo de pesquisar pode se aproximar desse movimento de incomodar-se com as formas demarcadas de existência, e auxiliar como forma de criação/inventividade para fugir disso...considerando que a escrita de si pode designar o apagamento das fixações que são/estão coladas em nós, ou serem reditas.

Para entendermos melhor esses modos de representação e experimentações no ensino de ciências, trarei um acontecimento para movimentar nossas percepções sobre a temática.

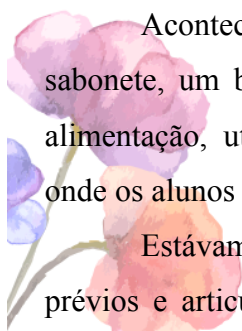
Experimentações pelo afeto no ensino de ciência, não é comum, mas pensando nas experimentações que pude realizar e participar, lembrei de uma que elaborei com meus colegas de turma para a disciplina de Educação e saúde, onde estruturamos materiais para conscientização com o cuidado e higiene pessoal.

Então como já estamos acostumados quando se trata de experimentação “tradicional”, pesquisamos, estudamos a teoria, elaboramos material, então fomos para escola, colocar em prática o aprendido. Usamos o ensino de ciências para sensibilizar pelo afeto com si mesma diante do cuidado com o corpo.

Aconteceu como esperado, tinha um chuveiro gigante, xampu, condicionador e sabonete, um bonecão com piolhos, dentes sujos, alimentos que fazem bem e mal para alimentação, utilizamos esses instrumentos para gerar aprendizagem significativamente, onde os alunos conseguiam explicar para nós as formas adequadas.

Estávamos ali com o papel docente auxiliando os alunos, ativando conhecimentos prévios e articulando conteúdos de forma didática que estão relacionados ao cotidiano, como eles são tratados, porém, com objetivo de promover conhecimentos que parecem comuns, mas que às vezes não são realizados. É apontado por muitos pesquisadores que a experimentação tem como sua principal característica a participação ativa dos(as) alunos(a), principalmente quando o manuseio de objetos e observação de seres vivos, mas é importante acontecer a incorporação e a mobilização no desenvolvimento do pensamento crítico.

Nesses quase dois anos de mestrado, muitas coisas passaram, ficaram, me paralisaram e (re)estruturaram essa vida-academia e a partir da escrita de si que venho



(re)significando à docência, a pesquisa, a vida. A escrita de si pode se apresentar de diferentes modos, formas e possibilidades.

Mas, aqui assumimos um modo, e o risco de experimentar e suspeitar de estabilidades, que pode ser uma possibilidade na/com a autobiografia, e por isso pensamos nessa proximidade como possível, e como um modo de escrita de si que pode nos levar para outros lugares, incertos talvez, mas que pode ser um sair “[...] destes lugares estáveis a partir dos quais nos situamos e classificamos a nós mesmos, nossas ações e a do outro” (CHAVES, 2018, p.60).

As vias autobiográficas não são de caráter confessional, nem das coisas prescritivas, mas podem ser uma vontade de ruptura. A autobiografia nessa perspectiva se dá de forma potencializadora de multiplicidades, desse modo consideramos a vida, e suas imprevisibilidades.

Dito isso, a autobiografia é uma ação pelos tons da criação por linhas das artistagens, do experienciar, e expressamos que essa aproximação é possível, e que pode ser dita como um modo artístico/inventivo, e como processo/criação também, e nessa experiência como movimento da linguagem que cria, é um movimento que nos lança para fora das previsibilidades. E o que pode ser mais imprevisível que a vida? De uma mulher-mãe-filha-esposa-professora, uma guerreira sensível?

O ser filha-mãe é o afeto mais forte que tem me possibilitado a existir em meio às guerrilhas, sempre busquei meus objetivos para orgulhar meus pais, não os ter em presença física aqui me causa estranhamento, e pensando nesses afetamentos que me movem e fazem olhar para si mesmo e continuar essa jornada de multiplicidade. Temos como ponto de partida nosso modo de olharmos para essa escrita como uma linguagem que produz o si, sendo que a escrita de si é um modo de prática de si. Assim, a autobiografia pode ser uma linha nesse vergar-se, como possibilidade de um escrever-se, como criação que possibilita estranhamentos das verdades, prescrições estabelecidas nos emaranhados das relações no/do mundo social.

As linhas da autobiografia como escrita de si pode ser uma possibilidade potente possível para tal experimentação, linhas que podem ser cortadas, que fogem das normas que estão acopladas a vida, que carregam um tom linear. Essa possibilidade pode ser experimentações de si, que “[...] nos lancem em um campo aberto a ser explorado, inventado e fruído como experiência estética.” (CHAVES, 2018, p.64/65).

É possível experimentações textuais que permitam trazer mais a vida, vicissitudes, afetos, pensamentos, vivências... para os movimentos de escrita? Entendemos que sim, a

partir de outras epistemologias que assumem outros olhares diante da vida e suas tessituras. Como explica Dani-vi “as histórias indígenas trazem isso não por caráter de denúncia ou policiamento, mas de maneira direta por uma estrutura de sensibilidade dramático-crepuscular, pelas polirritmias da multiplicidade cósmica em andarilhamento.” (2023. p. 396).

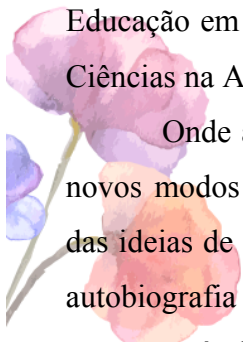
A autobiografia como escrita de si, pode ser uma ação que não se ocupa de “[...] perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, [...], de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (Foucault, 1992, p.131). Assim, é aceito experimentar a autobiografia como escrita de si, como possibilidade, e posicionamento diante do anseio em tensionar os caminhos já pisados.

Assim, consideramos a importância desse modo de escrita, como possibilidade de existir, dos modos como o sujeito pode promover algum rabisco de uma possível liberdade, constituindo-se enquanto sujeito com as diferentes experiências nas diferentes relações, o vivido. Experimentando, trilhando, (re)criando, fissurando... modos de ser, mas sendo.

Utilizamos as vivências da graduação em Licenciatura em Pedagogia, no qual me formei em 2022, pela Universidade do Estado do Amazonas, priorizando minhas experimentações nas disciplinas que tratam sobre o Ensino de Ciências. Assim como, as performances fabricadas nas mobilizações formativas do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia, no curso de Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências na Amazônia, pela Universidade do Estado do Amazonas.

Onde agora o plano era unir, construir e criar movimentos que me façam perceber novos modos de experimentar o Ensino de Ciências em minha (auto)formação, através das ideias de experimentação. Dentro do programa, posso citar a experimentação de uma autobiografia performática desenvolvida num curso de extensão – experimentação corpo-curriculo no professorar, no qual realizamos uma experiência com as turmas dos cursos de formação de professores em pedagogia, geografia e biologia.

Nesse momento de afetos-experimentação que acontece o encontro com o meu grupo intitulado “fofoca de si”, lá falamos de nós, das nossas lamentações, dos filósofos do coração ou não, nós apoiamos, encorajamos, marcamos estudos teóricos (onde falamos mais da nossa vida do que do texto combinado).



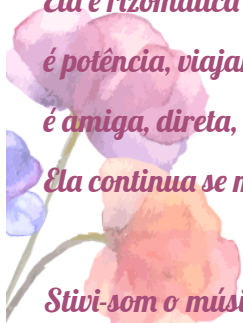
Fofoca de si

No grupo fofoca de si,
começou com 4 integrantes, Eu,
Fabi, Hivina, Stivison...
despois acolhemos a Ana Maria,
Começo aqui falando da Fabi.
A menina ainda tímida, doce,
voz suave de Parintins,
nossa artista,
chegou aqui feito pássaro quando nasce, sensível,
sob a guarda da orienta-mãe,
hoje ela está alcançando voos tão altos e também rasantes,
(des)cobrimdo as miudezas dessa amazônia.

Hivi, veio da Biologia, a durona mais sensível que conheço,
posso dizer que adotei ela para o nosso grupo,
desde quando atravessamos a passarela juntas,
“Éita língua de chicote”,

Ela é rizomática mesmo,
é potência, viajante, autêntica,
é amiga, direta, é poética, é alegria,
Ela continua se multiplicando, em mulheres-amazônidas.

Stivi-som o músico-filósofo,
Já vi gente pra fazer coisa,
mas esse acho que nem dorme,
é educador, músico, artista circense,
amigo, topa as experimentações
e traz os amigos dele junto, né Jack!
ele é mesmo como ritornelo,
vai e volta para a educação.



*Ana Maria, essa puxou a orienta-mãe, Aikawa
Direta, elegante, honesta, sempre disposta a ajudar,
cara de patricinha, mas coração generoso,
alfabetizadora nata, herança família,
exemplo na sua devoção
ela se constrói e (re)constrói, nas muitas mulheres
Amazônidas.*

Ainda me movimentando pelas ideias de corpo, me desloquei as novas táticas montadas para o estágio docência, o qual foi realizado na turma de estágio III⁹, no curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Estado do Amazonas, passamos por duas escolas da cidade de Manaus e em sala de aula, levantamos discussões das ideias de experimentações, da vida de uma mulher-amazônida-mãe-universitária.

Todas essas experimentações mobilizaram a ideia de ciência enquanto norma e verdade. Mas, [...], se a humanidade forjou por força de suas decisões e condições históricas essa ciência tal qual ela hoje se apresenta, julgo que ela é igualmente capaz de reconstruí-la em um formato mais próximo dos nossos ideais de igualdade, democracia e justiça e a escola é um espaço privilegiado para concretizar essa reconstrução [...]" (Chaves, 2007, p. 22), e nesse movimento de invenção e descoberta, seja no espaço da escola ou da universidade, vamos reconstruindo discussões e experimentações.

É uma experiência de deslocamento das ideias que vai acontecendo nas aproximações com os exercícios formativos, uma sensação de "como nunca havia pensado nessa possibilidade antes?" Entendo, sobretudo, como um processo de rupturas, que é dolorido, mas, ao mesmo tempo, é leve, é estranho, mas é uma sensação de expansão, em todos os sentidos, que o físico/corpo também é afetado, sofre e se alegra, mas, responde fortemente a cada novo movimento/encontro/criação.

As rupturas proporcionam diferentes formações discursivas, novos referenciais, novos olhares, causando um devir alcançando outros corpos, produzindo a sua própria realidade, a partir da linha da subjetividade e expandindo seus materiais de análise, as pesquisas autobiográficas, são sensíveis aos problemas educacionais vivenciados pelos

⁹ Ementa: Ação docente e organização do trabalho pedagógico. O professor enquanto gestor da sala de aula, do currículo e dos conteúdos. A participação docente no planejamento macro e micro. A observação, o diagnóstico, a problematização, o registro e planejamento das práticas pedagógicas. A construção, execução e socialização de proposta de organização do trabalho pedagógico escolar.

praticantes da educação, expandem suas críticas a diferentes textos e artefatos.

Nessa mesma disciplina da graduação planejei e executei uma aula baseada na escrita performática de si, utilizando o texto Lucas Costa de Santana e Marlécio Maknarama, intitulado de “Invento para me conhecer”: escrita performática de si na formação docente. Para fundamentar partimos da ideia de uma escrita performática de si, essa dá dimensões de um conjunto de características como: rupturas, descontinuidade, planos estéticos, arte, registro do percurso da pesquisa. Esses registros de pesquisa que denunciam os mecanismos da escolarização dos corpos, dos fragmentos do tempo de escola, dos diversos discursos que aprisionam os corpos.

Planejando a aula do estágio docência e refletindo sobre o que vivi com a turma até aquele dia, assim como refletindo sobre minhas outras experiências de estágio escrevi algo que foi me tocando nessa experiência, então resolvi compartilhar com a turma, como modo de gerar inspirações e reflexões.

Experimentação Performática de si

Estágio Docência

Em minha caminha na academia e na vida,

Várias batalhas foram vencidas e perdidas,

Dos estágios vivenciados,

Dois foram a distância,

E um presencial,

Confesso que foi estranho,

Muitos cuidados a serem tomados,

Na turma de Estágio III,

Vivi a docência de perto,

Conheci alguns caminhos da gestão.

Gestão de desafios,

Gestão de vidas,

Gestão de amor,

Gestão do luto,

Gestão da “empresa-escola”;

Gestão da escola democrática,
Gestão do diferente
Ufa,
Outros modos apareceram,
mas deixarei para outro momento!
O fato é,
Gestar pessoas não é tarefa fácil,
Seja aluno da Educação infantil,
Do ensino fundamental,
Do ensino superior
Cada um exige uma performance de si,
Cada um exige uma dinâmica,
O se inventar e (re)inventar é inevitável no âmbito acadêmico
O Olhar para si,
E o cuidado de si,
É essencial para o cuidado com o outro.

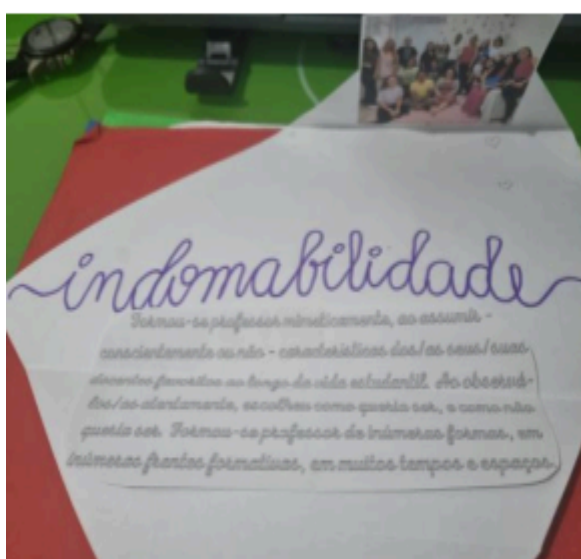
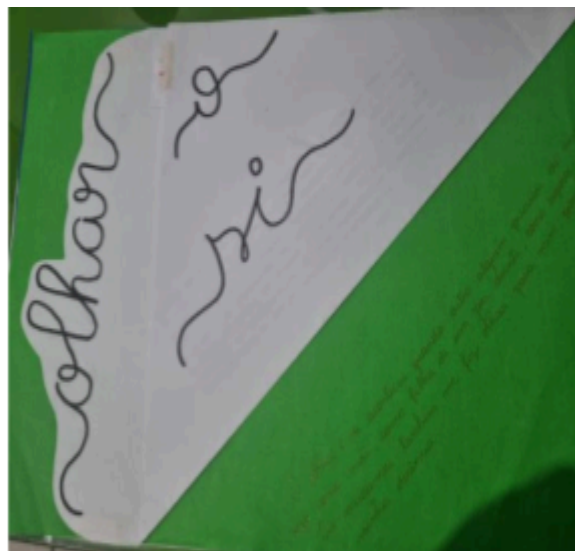
A escrita performática em sua engrenagem considera os sentidos como ponto de partida, viabilizando a invenção de uma nova relação, envolvendo o artístico e o teórico, as linguagens, a literatura, o audiovisual e a música. O sentir e o corporal são as grandezas consideradas construção da narrativa, esses pensamentos deixam a racionalidade e giram a engrenagem do sentir.

As fendas abertas a partir da escrita performática, anuncia a criação em zonas ainda não habitadas e a possibilidade de experimentar, a fim de alcançar uma docência do sentido, para ciência, a arte e a vida. Assim como na vida, a escrita é sempre inacabada, pois sempre estamos produzindo novas relações de multiplicidade, e como no devir, produzimos a nossa própria realidade, construindo concretudes reais.

Nessa invenção de uma docência indomável, onde não nos assujeitamos aos modos de exploração da docência-vida, de a todo momento se compor e (re)compor das pausas existenciais necessárias, diante do confronto de um currículo imposto, diante de um modo de docência visto como ideal. A verdade é que para confrontar essas imposições necessita que a coragem da verdade, do conhecimento de si, seja colocada em prática, por ser a partir dessa técnica de si, que viabilizamos o outro a falar a verdade, não somente da

boca para fora, mais estar seguro e consciente desses pensamentos.

Figura 9 - Escrita performática



Fonte: Autoria própria, 2024.

A partir da discussão do texto experimentamos a composição de uma carta-performance-gestor, onde a proposta de uma escrita poética que possa ser revisitada como momento de reflexão: A carta ou bilhete composto por destinatário e um remetente pressupõe uma correspondência, uma troca de imagens-pensamento, com reciprocidade, ou

para responder a uma provocação de alguém.

Cartas de amor, cartas de manutenção dos afetos, cartas de vida e de morte, cartas de comunicação dos acontecimentos que partilham sensações. Cartas trazem a ideia de uma escrita informal, desprovida de hierarquias e uma proposta de inflexão da própria linguagem da escrita, Peruzzo, 2023.

Ao realizar a leitura dessas cartas é possível perceber que a filosofia da diferença, a escrita de si, a autobiografia causa estranhamento nos alunos, ao estarem engessados nesse modo de pesquisa tradicional, nesse olhar quantitativo da ciência. Em uma das cartas a aluna 1 (2024) escreve: “Na pesquisa percebi que sou aquilo que escrevo nos artigos. Na família conseguir ser mais sensível, ouvinte e compreensiva com eles. Na escola conseguir acolher com mais compreensão os alunos.” Essa sensibilidade aconteceu após o seu contato com leituras que levam a reflexão sobre a existência, houve a resignificação, que afetaram diretamente o seu modo de lidar e perceber as situações vividas.

A influência da ancestralidade, seja ela materna ou paterna é tão forte diante da nossa construção de vida que houve vários relatos que enfatizam fortemente essa composição, para o aluno 2 (2024), “Essa construção de “mim” advem da “inquietação” dentro do meu pai, filho e irmão. A construção docente em formação vem de um processo de composição contínua, uma necessidade de um ser em construção, uma constituição do saber, dever e condição...”

Figura 10 - Carta-performática de si



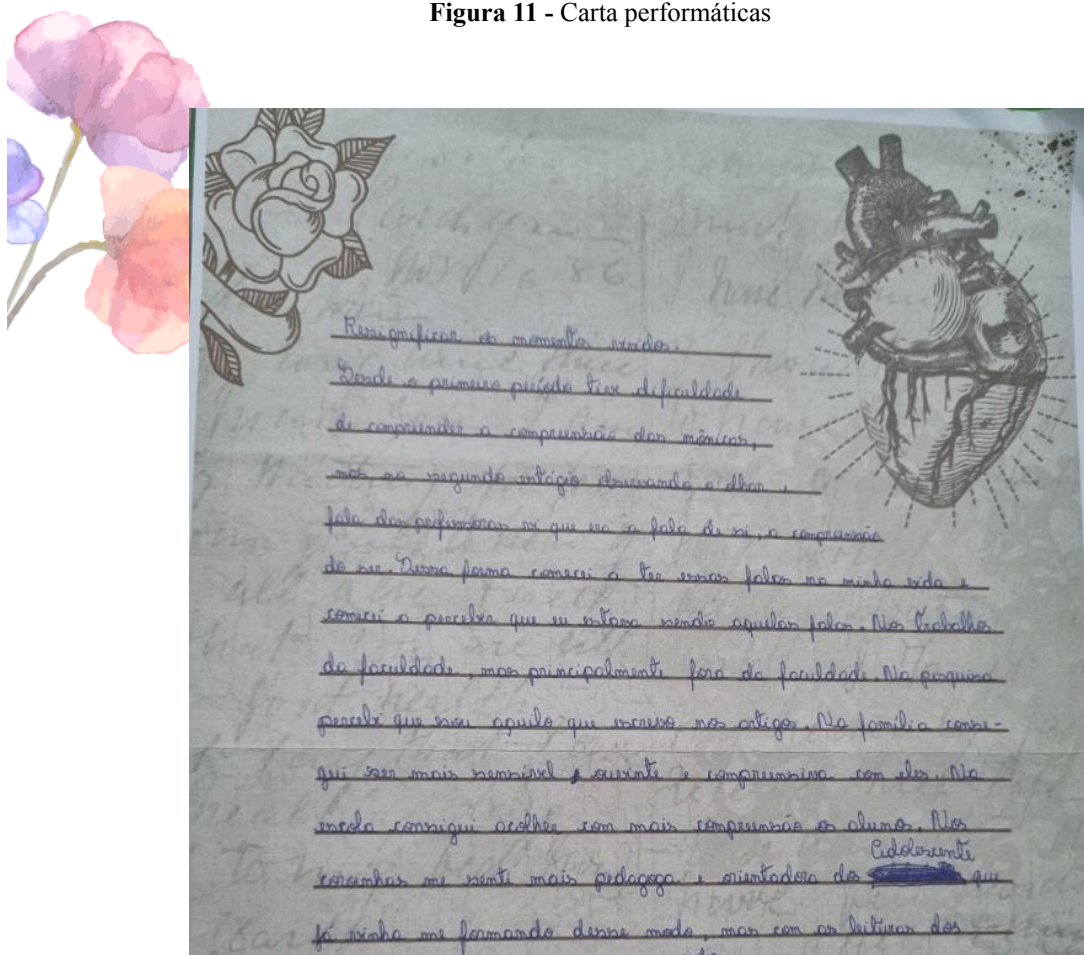
Fonte: Autora, 2024.

A aluna 3 “Minha maternidade me atravessa. São tantos atravessamentos que sinto o meu corpo-gestor cheio de flechas. Flechas de amor, carinho e cuidado da minha filha no chegar em casa nas terças-feiras cansativas...São flechas, porque quero que esses sentimentos penetrem a minha alma e me renovem todos os dias, eliminando o egoísmo, a dor, a tristeza e o cansaço de um corpo-universitário, corpo-mãe e um corpo-gestor em continuação.”

Deste modo, é considerado que o corpo escreve/ler, é o mesmo que pode expressar a vida, os afetos, os sentimentos, o sentir, e que esse corpo não precisa estar necessariamente imóvel, como se as mãos fossem as protagonistas, mas que o corpo todo se expressa nesse movimento, sendo ele todo presente...através de palavras.

Em uma perspectiva da invenção de si “o pesquisador buscará dar visibilidade ao movimento da vida, ao seu fluxo e corrente, que atua microscopicamente, porém, de forma concreta e real do mundo. Ou seja, trata-se de dar ênfase naquilo que ainda não se solidificou, que ainda não adquiriu forma, não se estratificar e, por isso, a investigação se abre ao campo dos possíveis.” Nodari; Corazza (2019, p. 3)

Figura 11 - Carta performáticas



Fonte: Aluna, 2024.

Ao planejar uma aula, o professor considera de onde quer disparar a discussão, nessa experimentação, possibilitou que cada aluno que pegou os papéis disparadores, foram afetados pela afeção corporais, a qual me mobiliza a mudança que aumento a potências de ações negativas ou positivas, nesses relacionamentos corporais, sensíveis de experiências vividas.

Spinoza define afetos em alegria e tristeza, que são primários, e a partir dele surge os secundários, como amor e ódio. O termo afetivo deriva do verbo afetar. Spinoza (2013, p. 163). O afeto de alegria acontece quando uma potência maior de ser e agir no mundo, principalmente no encontro com outro que combina, se aproximando do mundo e de nós mesmo, isso aumenta a habilidade de afetar e ser afeto. Já os afetos de tristeza diminuem a potência no existir e agir, afastando da realidade e de nós mesmo, delimitando a expansão no mundo. Essas afeções tocam diretamente as potências múltiplas que constituem o ser, pois para o autor o corpo tem potencialidade em ser afetado, aumentando por consequência a capacidade de pensar e existir.

Na perspectiva considerada no experimento das cartas performática considerou principalmente esses afetos da docência-vida que transbordam em alegria e tristeza, e que ao ser colocado em exposição, nos põe em posição de reflexão, de olhar para nós mesmo. E abre caminho para a prática de governa a si mesmo. O mestre na parresia é aquele que fala a verdade, assumindo risco de questionar a sua própria existência, assim como a relação com o outro, dizendo toda a verdade.

Tantas experimentações, aulas, conversas, poesias, música, performances, vídeos,

encontros, (des)encontros, graduação, pós-graduação, trabalho, luto, lutas, pausas, esperança, sabores, saudades, festas e muitos afetamentos compuseram essa guerreira do sensível, ouvindo mestras qualificadas em falar a verdade, por vezes se encontrando nesse lugar de fala. Coragem de decompor o conceito de experimentação aos alunos de biologia (que tecnicamente defende a ideia da experimentação como confirmação da verdade teórica). Movimentar o corpo e expor a sensibilidade da guerreira, o convite era o sorriso, mas o sentir era de uma verdade pouco falada. Essa conjuntura nas relações entre o sujeito e a verdade, possibilitar colocar em questão o ponto de vista da prática do conhecer a ti mesmo.

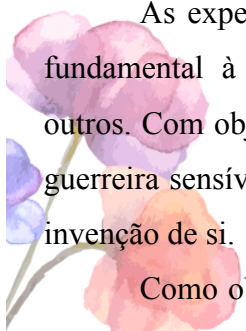
5 – Finalização

CONSTITUIÇÕES DA GUERREIRA DO SENSÍVEL

Aqui, não direi ser um final, pois assim como as complexidades infinitas da vida, essa dissertação é um disparo para criação, invenção e afetamentos de experimentações no Ensino de Ciências. Fiz isso, trilhando por entre as minhas origens, culturas, ancestralidade femininas, essas centrais na constituição e existência dessa guerreira sensível. O que nos causou estranhamentos e alinhando tudo isso, como linhas da autobiografia, a qual possibilita movimentos múltiplos, imprevisíveis e abrindo fendas de (re)dizer de si e inventando uma guerreira sensível.

As experimentações do Ensino de Ciências exploradas aqui, são traçados do ensino fundamental à pós-graduação, nos trazendo reflexões sobre si mesmas e pensamentos outros. Com objetivo geral de inventar a constituição das ideias de experimentação de uma guerreira sensível que ensina e pesquisa ciências mobilizada pelos sabores, festas e afetos na invenção de si.

Como objetivo específico, busquei, estudar o conceito de experimentação a partir da Filosofia da Diferença e parresia para Michel Foucault, e no capítulo intitulado, Sabores de uma guerreira do sensível, partir de receitas ditas “tradicionais” feitas pela minha mãe, então (des)receitei, como forma de poder atravessar de outros modos de se conectar, pensar e refletir sobre essas formas de ensinar, questionar, indagar e possibilitar novos modos de experimentar. As discussões baseiam-se em como as experimentações no ensino de ciências eram baseadas em laboratoriais, em locais onde o professor é central no processo de ensino, onde os conhecimentos prévios dos alunos não são considerados, onde o experimento funcionava como comprovação do que foi estudado, ou seja, da teoria.



A experimentação “tradicional” vem sendo pautada nessa comprovação de verdade, defendida pela ciência, e defendida também pelos professores como sendo um meio de atrair os alunos, ao ser atribuído um caráter lúdico. Na filosofia da diferença, possibilita que possamos ver, viver, criar e inventar novos modos de experimentar, nesse sentido, inventariamos uma cozinha-experimentação, a qual está nesse entrelugar dessa vida-docência.

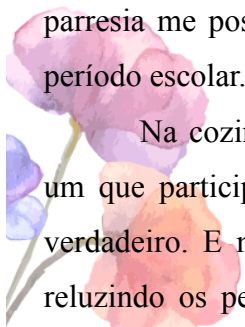
Para explicar essa cozinha-experimentação, inventei alguns sabores que dizem muito dessa constituição da guerreira do sensível, os quais são: o doce abraço caloroso, o salgado da resiliência, o amargo da verdade e o sabor vidar. A partir de leituras de Deleuze e Guattari (1995), os quais possibilitam olhar para a arte como movimento de criação no ensino de ciências.

No objetivo específico, onde me propus a narrar acontecimentos decorrentes das ideias de experimentação na constituição de uma guerreira do sensível mobilizada pelos sabores, festas e afetos na invenção de si. Através dessas (re)memoração e do dizer-corajoso da coragem da verdade, permitindo identificar os discursos enrijecedor em relação às experimentações, assumindo o risco de dizer essas novas ideias de experimentar no ensino de ciências.

A estética da existência onde sou artista de mim mesma, resistindo aos modos de subjetividades, capacitando o uso do intelecto, possibilitando assim, formas de reconhecimentos de dizer a verdade sobre si mesmo, produzindo suas próprias verdades. A parresia me possibilitou olhar para essas “verdades” engessadas que foram constituídas no período escolar.

Na cozinha-experimentação possibilitou olhar para si, para a docência-vida de cada um que participou, através de suas confissões, anotações, pensar e refletir sobre o dizer verdadeiro. E nessa configuração o mestre é aquele que ensina através do cuidado de si, reluzindo os pensamentos que compõem a sua própria verdade, a partir da liberdade de reinvenção, criação, movimentando-se pela arte, poesia e pelos afetamentos.

Nesta cozinha de experimentações, mergulhei no ato de cozinhar com a guerreira do sensível, em suas muitas formas e sabores. Foi ali que comecei a perceber como o ensino de ciências havia sido tecido ao longo dos anos — e ao colocar as mãos na massa desse saber, descobri as infinitas possibilidades de experimentar. Essa travessia começou ainda na disciplina de autobiografia, quando, como aluna especial, fui convidada a trilhar os caminhos do “si”. Ao olhar para dentro, pude enxergar as pegadas deixadas entre a vida e a



escola, nos territórios da ciência. Foram trilhas sinuosas, pontuadas por pedras, risos e névoas — caminhos ora confusos, ora luminosos, mas sempre férteis em descobertas.

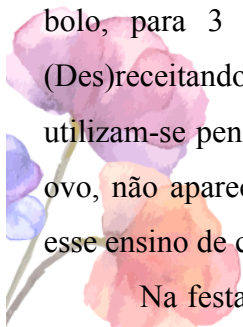
Daí em diante segui minha trilha pela cozinha, questionando, experimentação, inventando, criando, saboreando momentos que se fazem refletir sobre os acontecimentos da vida-academia dessa guerreira do sensível. Cozinhar com a guerreira do sensível não foi fácil, pois no início, a roupagem era tão pesada que não conseguia me mover, olhar para o lado e outro com viseira embasada foi difícil. Mas, à medida em que fui limpando essa viseira, retirando a roupagem pesada, me alegrando com o novo, inventariando festas o ensino de ciências, as cores desse ensino não são mais brancas de laboratório, os instrumentos e maquinários, se modificaram.

Essa guerreira do sensível, foi se forjando em vários ingredientes: em artistagens corporal, visual, sonora e experimentais. Em vida rodopiantes, dançantes, alegres, tristes, relutantes, de pausa, de retorno, de encontros, até mesmo (des)encontros. As quantidades aqui são incalculáveis, pois algumas precisaram ser adicionadas em abundância para suprir efeitos de outras. Todos esses ingredientes se fizeram necessário, pois o ato de dizer a verdade de forma franca e corajosa, assumindo riscos ao desafiar normas e poderes estabelecidos, não é tarefa fácil, há a necessidade de falar sem dissimulação.

Observando o ensino de ciências, é visível que teoria e prática desse andam lado a lado, que um experimento só é possível quando usado como comprovação de tal teoria, na maioria das vezes é realizado em laboratórios, com materiais específicos, assim como o bolo, para 3 ovos a quantidade dos ingredientes devem ser alterados bruscamente. (Des)receitando a partir da estética da existência, perde-se essa essência tradicional, utilizam-se pensamentos, teorias, conceitos, metodologias que faz com que o cheiro forte do ovo, não apareça e as multiplicidades de sabores-vida-experimentação, toque e sensibilize esse ensino de ciências da diferença.

Na festa experimentação-invenção de uma guerreira do sensível, me movimento por entre, eventos ditos “tradicionais” da vida-academia, constituindo uma escrita de si através da autobiografia e da invenção de si. Utilizo como festa tradicional a feira de ciências que acontecem ou aconteciam na escola, o método mais utilizado nesse tipo de evento era a “decoreba”, onde o aluno decorava o texto a ser falado, o qual na maioria das vezes já tinha sido pesquisado pela professora, não oportunizando o aluno a pesquisar e contribuir diretamente com a temática.

Pensando nisso, e inventando um modo de experimentar, através do projeto de extensão inserção social, possibilito a movimentação corporal, assim como, a percepção dos



sons emitido pela natureza, que embalava os movimentos executados por todos. A festa nesta dissertação é se deixar inventar. A experimentação aqui possibilita o desprender de ideias fixas, explorando possibilidades de pensamentos na aprendizagem.

Certamente, o modo como aconteceu essa experimentação mexeu com os alunos envolvidos, principalmente por virem de uma linha de pensamento mais cartesiano. A parresia ainda não fazia parte desse estudo, mas hoje tenho certeza que intrinsecamente o ato de “dizer tudo” e “dizer a verdade” com sabedoria.

Nos afetos que constituem uma experimentação de uma guerreira do sensível, promovo as experimentações pelo afetamento baseado em Spinoza, onde olho para si mesmo, pois “existe algo que constantemente nos afeta” (SPINOZA, 2013, p. 185), respeitando o meu próprio afeto, a vivência interiores e exteriores, os quais na maioria das vezes são deixados de lado diante da pressão. Esses afetamentos são os que sempre me fazem pensar no que me move, mexe comigo de alguma forma. seja para nossa alegria ou tristeza, ou se preferirem afetados por amor ou ódio (2013 p. 181). Na docência as experimentações corporais e artísticas afetam os alunos, fazendo pensar, qual docência é potencializada nesse agir, pensar, passando por várias afeições como alegria e tristeza, sentimentos-base para potencializar outros afetamentos.

Para finalizar, irei discutir os elementos constitutivos das ideias de experimentação inventariando um modo de existir enquanto guerreira do sensível. Habitando esse entrelugar da academia-vida, a guerreira do sensível se constitui a partir dessas experimentações que foram vivenciadas, rompendo ideias pré-estabelecidas, construindo formas de pensamentos, de criação de conceito, de pensar a multiplicidade, nesse processo constante de invenção, involuntária, (des)provido de termos ou metas e construindo uma imanência.

Entre sabores, festas e afetos, assim que essa guerreira do sensível se constituiu, desde sua infância participando de experimentações, a pós-graduação realizando essas experimentações, e constituindo outros, pois assim como a parresia que acontece com o outro em uma prática conjunta, geralmente a dois. A experimentação é traçada por várias mãos ou uma (tanto faz), o importante é que a multiplicidade, o devir, rompa com as conexões dos pensamentos fixados, dogmatizados, se libertando para uma estética da existência, a qual possibilita modos de vida diferentes, dando forma, sentido e valor aos atos.

6. REFERÊNCIAS

ABBAGNANO. Dicionário de Filosofia. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AMAZONAS. Projeto Político Pedagógico da Escola Normal Superior. Manaus – Amazonas, 2021.

ANTÔNIO, Cachapuz. PRAIA, João. JORGE, Manuela. Da educação em ciências às orientações para o ensino das ciências: um repensar epistemológico. Ciênci. educ. (Bauru), v. 10, n. 3, dez. 2004.

AULETE. Dicionário online digital. Lexikon editora digital. 2023. Link: <https://aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 14 de junho de 2023.

ARAGUAIA, Mariana. “Cupuaçu (Theobroma grandiflorum)”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilestola.uol.com.br/frutas/cupuacu.htm>. Acesso em 26 de outubro de 2024.

BERNARDES, Genilda d’arc. A ordem do discurso (Michel Foucault). Sociedade e Cultura, v. 7, n. 2, jul./dez. 2004, p 247-250.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2018.

BRASIL. Coronavírus – Ministério da Saúde. Coronavírus — Ministério da Saúde (www.gov.br). Acesso em: 16 de dezembro de 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2009.

CAMPOS, Joana D’arc Chaves de. CHAVES, Silvia Nogueira. Narrart: autobiografia de formação. In.: Formação, ciência e arte: (autobiografia, arte e ciência na docência). (org. Silvia Nogueira Chaves; Maria dos Remédios de Brito). São Paulo: Livraria da Física, 2016.

CANDIOTTO, Cesar. Subjetividade e verdade no último Foucault. Trans/Form/Ação, São Paulo, 31 (1): 87-103, 2008.

CARVALHO, Daniela Franco; ESTEVINHO, Lucia de Fatima Dinelli. Formarse professor com amor, festa e devoção. In: Váldina Gonçalves da Costa. (Org.). Teorizando a prática e praticando a teoria na formação de professores. 1ed.Campinas: Mercado de Letras, 2019, v. único, p. 123-132.

CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COUTO, Mia. A avó, a cidade e o semáforo. Tyrannus Melancholicus. ><https://www.tyrannusmelancholicus.com.br/prosa/a-avo-a-cidade-e-o-semaforo/738><. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

CORREA, Mayra Velloso. SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini. BORJA, Beatriz França. Experimentações pedagógicas com “ervas daninhas”: semeando currículos-multiespécies. Revista de Ensino de Biologia de SBEnBio. vol. 16, n. 1, p. 1147-1166. 2023.

CHAVES, Silvia Nogueira. Por que Ensinar Ciências para as novas gerações? Uma questão central para a formação docente. Contexto e educação. Editora Unijuí, ano 22, p. 11-24 nº 77, Jan/Jun 2007.

CHAVES, Silvia Nogueira; CAMPOS, Joana D’arc Chaves de. Narrart: autobiografia de formação. In.: Formação, ciência e arte: (autobiografia, arte e ciência na docência). (org. Silvia Nogueira Chaves; Maria dos Remédios de Brito). São Paulo: Livraria da Física, 2016.

CHAVES, Silvia Nogueira. Da tomada de consciência à invenção de si uma trajetória na pesquisa narrativa e autobiografia. In. Feitosa, Raphael Alves; Silva, Solonildo Almeida da (orgs.). metodologia emergentes na pesquisa em ensino de Ciências [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS. Editora Fi, 2018.

CHAVES, Silvia Nogueira. Memória e invenção: sonhar o futuro ou memória e futuro: inventar o sonho. Leitura: Teoria e prática, Campinas, São Paulo, v. 35, n. 70, p. 161-169, 2017.

CHAVES, Silva Nogueira. Reencantar a ciência, reinventar a docência/ Silvia Nogueira Chaves. - São Paulo: editora livraria da Física, 2013.

DANI-Vi. A corpacha da educação com Manoel de Barros – en-contações ameríndias e nomadismos cosmocorporais/ Dani-vi; orientador Rogério almeida. –São Paulo, 2023.

DELGADO, Andréa Ferreira. Cora Coralina: a poética do sabor. ILHA. Florianópolis, v. 4, n. 1, julho de 2002, p. 59-83.

Deleuze, Gilles, 1925-1995. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1 / Gilles v.l Deleuze, Félix Guattari; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de janeiro: Ed. 34, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira. - 8. ed. rev. atual. - Curitiba: Positivo, 2010.

FISCHER, Beatriz Daudt. Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais. História da Educação. ASPHE\FaE\UFPEl, Pelotas, n.1, p.5-20, 1997.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: Aula inaugural no college de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Editora Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp.

129-160.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no collége de France (1983-1984)/ Michel foucault; tradução Eduardo Brandão. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. "The Subject and Power." *Critical Inquiry*, vol. 8, no. 4, 1982, pp. 777-95. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/1343197>. Accessed 30 Jan. 2025.

FLORES, Heloísa Fernandes. "Paladar"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/oscincosentidos/paladar.htm>. Acesso em 01 de outubro de 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIORDAN, Marcelo. **O papel da experimentação no ensino de ciências**. Química Nova na Escola, v. no 1999, n. 10, p. 43-49, 1999Tradução.Acesso em: 30 jan. 2025.

GRISOTTO, Américo. Filosofia da diferença: apontamentos em torno da aprendizagem do pensamento em filosofia. ETD – Educ. Tem. Dig., Campinas, v.14, n.1, p.179-198, jan./jun. 2012.

HIPOLITO, Bruna de Moura; GOMES, Gilson Mauriz; SOUSA, Mayara Angelina Leal de; MAURIZ, Tatiane Rodrigues de Moura. Magia de ciência, um show de experimentos. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, nº 28, 6 de agosto de 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/28/magia-de-ciencia-um-show-de-experimentos>.

KOPPMAN, Mariana. Os sentidos, o cérebro e o sabor da comida. Rev. Ciência Hoje. Agosto, 2015. <https://cienciahoje.org.br/artigo/os-sentidos-o-cerebro-e-o-sabor-da-comida/> Acesso em: 15 de janeiro de 2025.

LIMBERGER, Karen Martins. BRANDOLT, Thelma Duarte Delgado. BERTOGLIO, Diana Schuch. As Funções da Experimentação no Ensino de Ciências E Matemática. Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista - ENCITEC. vol. 6, n. 2, jul./dez. 2016.

MACEDO, João Paulo Sales ; DIMENSTEIN, M. . Escrita acadêmica e escrita de si: experienciando desvios. Mental (Barbacena), v. 7, p. 153-166, 2009.

MACHADO, Bruno Domingues. Deleuze e o conceito de corpo. Revista garrafa 24. Maio-agosto, 2011.

MACHADO, Adilbênia Freira. Filosofia Africana e Saberes Ancestrais Femeninos: útero do mundo. Le Monde Diplomatique Brasil. 2020. Link: <https://diplomatique.org.br/filosofia-africana-e-saberes-ancestrais-femininos-utero-do-mun>

do/. Acesso em: 22/05/2024.

MOSSI, Cristian Poletti. Deleuze & Guattari, a arte de criar conceitos e as pesquisas em educação: uma colagem. X ANPED Sul, Florianópolis, outubro de 2014.

NOGUEIRA, Léo Carrer. Versonito, Suelen Malheiro. Tristão, Bruno das Dores. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas - o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. *Élisée, Rev. Geo. UEG - Goiânia*, v.1, n.2, p. 167-181, jul./dez. 2012.

NODARI, Karen Elisabete Rosa. CORAZZA, Sandra Mara. Procedimentos didáticos de invenção: a potência dos signos das artes. *Educ. Perspect. Viçosa, MG*, v. 10, p. 1-13, 2019. PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago. 2004.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas. COSTA, Mônica de Oliveira. AIKAWA, Monica Silva. Corpo-mulher Amazônida: pesquisadoras na filosofia da diferença. *Revista teias*, v. 25, n. 79, out./dez. 2024.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologia de pesquisas pós-crítica em educação. (org.) MEYER, Dagmar Estermann. PARAÍSO, Marlucy Alves. - 3ª edição - Belo Horizonte: Mazza edições, 2021.

PALAZZO CC, MEIRELES CS, JAPUR CC, DIEZ-GARCIA RW. Gosto, sabor e paladar na experiência alimentar: reflexões conceituais. *Interface (Botucatu)*. 2019; 23: e180078 <https://doi.org/10.1590/Interface.180078>

PERUZZO, Leomar. Cartas-performances para um corpo-sem-órgãos: três experimentos em arte educação. Curitiba, 2023.

REVEL, Judith, 1966- Dicionário Foucault/Judith Revel; Tradução de Anderson Alexandre da Silva; revisão técnica Michel Jean Maurice Vincent. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RECH, Ramana. Como surgiu o cupuaçu? Estudo revela efeito da domesticação por indígenas. CNN Brasil. <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/como-surgiu-o-cupuacu-estudo-revela-efeito-da-domesticacao-por-indigenas/> . Acesso em 01 de outubro de 2024.

SALES, Tiago Amaral. A formação docente como obra de arte: criações, poéticas e experimentações na licenciatura em Ciências Biológicas. *Revista Digital do LAV - Santa Maria* - vol. 17, e31, p. 01 - 3, jan.dez. 2024.

SALES, Tiago Amaral. CARVALHO, Daniela Franco. comidas e encontros: conexões entre políticos, histórias, culturas e afetos. *Revista Contraponto*. v. 7, n. 3, 2020.

SPINOZA, B. Ética. Edição bilíngue Latim-Português. Tradução e Notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault & a Educação/ Alfredo Veiga-Neto. – 2 ed. 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WIKIPÉDIA. Pinduca. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pinduca>. Acesso em: 15 de dezembro de 2024.

